

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Setembro/2016 – Nº 40





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Luís Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidausa Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wiliam Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

João Bastista Leonel Ghizoni (Epagri/DEMC)

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

Sumário

Estimativa Inicial da safra de verão 2016/17 dos principais grãos de Santa Catarina	7
Milho grão e silagem	8
Soja	9
Arroz irrigado	9
Feijão 1ª safra	10
Estimativa Inicial da safra de verão 2016/17 das principais frutas de Santa Catarina	11
Banana	12
Maçã	12
Fruticultura.....	13
Maçã	13
Grãos	16
Arroz	16
Feijão	18
Milho.....	20
Soja	23
Trigo.....	25
Pecuária.....	28
Avicultura.....	28
Bovinocultura de corte	32
Suinocultura.....	35
Leite	39

Estimativa Inicial da safra de verão 2016/17 dos principais grãos de Santa Catarina

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glaciapadrao@epagri.sc.gov.br

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

A produção agrícola no estado de Santa Catarina vem passando por profundas transformações nas últimas décadas. Tais transformações incluem aumento da participação no mercado externo, deslocamento da produção de alguns produtos para outras regiões do estado e substituição de áreas entre as principais culturas.

O cenário para a safra 2016/17, em termos de clima, é mais favorável ao produtor catarinense. A tendência de ocorrência do fenômeno La Niña nos próximos meses, embora represente irregularidades na precipitação, que pode trazer prejuízos caso ocorra seca em fases decisivas do desenvolvimento da cultura, como a floração, gira ainda em um cenário de normalidade e não cria expectativa de grandes perdas no Estado.

Os primeiros levantamentos referentes à safra de verão 2016/17 dão conta de um crescimento na área plantada das principais culturas do Estado, com exceção do feijão 1ª safra, que manteve sua trajetória de redução da área nos últimos anos, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1. Estimativa inicial da safra de verão 2016/17 dos principais grãos do Estado

Produto	2015/16			2016/17 Estimativa inicial			Variação % (2015/16 a 2016/17)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada	Quantidade produzida	Rend. médio
Milho grão	368.731	2.650.765	7.189	374.509	2.906.658	7.761	1,57	9,65	7,96
Milho silagem	207.673	8.115.064	39.076	211.482	8.313.923	39.313	1,83	2,45	0,61
Soja	635.715	2.090.734	3.289	646.184	2.215.885	3.429	1,65	5,99	4,27
Arroz	146.692	1.026.554	6.998	147.354	1.106.824	7.511	0,45	7,82	7,34
Feijão 1ª safra	48.513	83.601	1.723	46.328	88.999	1.921	-4,50	6,46	11,48

Fonte: Epagri/Cepa, 2016. Sistema de Acompanhamento de Safras.

Neste artigo serão apontadas as primeiras estimativas para a safra de verão dos principais grãos produzidos no Estado. Trata-se do resultado de uma série de estudos e levantamentos com uso de métodos específicos, estatística e conhecimento de mercado dos analistas. Mensalmente essas informações são atualizadas com o intuito de gerar informações que representem o comportamento realista da safra em andamento. A seguir, serão apresentadas as análises e projeções por produto.

Milho grão e silagem

A safra 2015/16 de milho grão em Santa Catarina foi marcada por graves problemas climáticos gerados pelo fenômeno El Niño, que foi um dos três mais fortes desde 1950, e culminou na redução de quase 9% da área plantada e 16% na produção em relação à safra anterior. Embora parte dessa redução tenha sido influenciada pela tendência histórica de substituição de áreas de milho grão por soja e silagem, o excesso de chuva seguidos por períodos de seca contribuiu para a quebra na última safra.

Para a safra 2016/17 é esperado um incremento de 1,57% na área plantada de milho grão, que, combinado ao aumento da produtividade em 7,96%, deverá resultar em uma produção 9,65% maior que a safra anterior. A área total destinada ao plantio desta cultura deverá ser equivalente a 374,5 mil hectares e uma produção de 2,9 milhões de toneladas.

Entre as principais causas desse aumento de área estão os preços do milho, que, em Santa Catarina, como no resto do país, tiveram comportamento atípico na safra 2015/16, haja vista que as cotações internacionais, principalmente da Bolsa de Chicago, vinham influenciando sistematicamente o comportamento dos preços internos, e não o desempenho da safra como ocorreu neste ano. Outro aspecto relevante foi a forte quebra da safra brasileira e a intensificação das exportações, o que provocou a diminuição da oferta interna do grão e a consequente elevação dos preços no País. A elevação dos preços trouxe alento aos produtores de milho, que havia tempos vinham observando sua margem reduzir, ao mesmo tempo que ocasionou problemas à produção de proteína animal, especialmente suínos e aves, via elevação dos custos de produção.

Esse aumento esperado na produção na safra que se inicia, apesar de não suprir toda a necessidade de grãos da produção de suínos e aves, traz menor necessidade de importação de outros estados e países, reduzindo os custos da indústria e com tendência de reflexos nos preços ao consumidor. Entretanto, essa dinâmica de crescimento da produção se deu de forma distinta entre as microrregiões do Estado. Grandes regiões produtoras, como São Miguel do Oeste, Chapecó, Canoinhas, Joaçaba e Campos de Lages, apresentaram tendência de crescimento da área plantada de milho para a safra 2016/17, enquanto Xanxerê, Concórdia e Curitibanos, bem como outras regiões de menor participação na produção, tendem a reduzir o plantio de milho na próxima safra. Isso ocorre porque, embora o mercado de milho esteja atrativo no momento, a soja continua sendo um grande concorrente por área no Estado, e a conversão de áreas de milho em soja deve continuar ocorrendo na próxima safra, porém a taxas menores. Além da influência do mercado, destacam-se os programas governamentais de incentivo à produção de milho no Estado, com destaque para o programa Terra Boa, que subvenciona a aquisição de calcário e sementes de milho. Esse programa contribuiu para a reversão da tendência de queda na área plantada de milho no Estado.

O milho silagem é outra cultura impactada positivamente pelo programa Terra Boa e deverá aumentar sua área plantada na safra 2016/17. Espera-se que cerca de 211 mil hectares sejam plantados com a cultura, o que representa um aumento de 1,83% em relação à safra 2015/16. Com a expectativa de clima favorável, espera-se que a produtividade volte à normalidade, com um aumento de 0,61% na safra 2016/17. Assim, a produção deverá ser de 8,3 milhões de toneladas, 2,45% maior que a da safra anterior. A dinâmica de crescimento dessa cultura no Estado tem-se dado de forma a atender a demanda da produção leiteira, aumentando e concorrendo em área com milho grão, fumo e feijão nas regiões onde a produção leiteira tem apresentado crescimento nos últimos anos.

Soja

Nos últimos anos a área destinada à produção de soja no Estado vem crescendo cerca de 8% ao ano, principalmente nas regiões de Campos de Lages, Rio do Sul e Ituporanga. No que se refere ao comportamento da safra 2015/16 no Estado, observa-se que a área plantada aumentou cerca de 6% em relação à safra anterior e resultou em uma produção 7,4% superior à safra 2014/15. As regiões em que esses aumentos foram mais expressivos foram Rio do Sul, São Miguel do Oeste, Curitibanos e Campos de Lages. Em tais regiões, a produção de soja tem ocupado áreas antes destinadas à produção de milho, feijão e pastagens. Por via de regra, a escolha do produtor pela soja se dá pela relação entre preço e custo da soja e a rentabilidade proporcionada por tal cultura, bem como a alta liquidez desse produto. No caso do milho, principal concorrente da soja em área, dada a relação entre custos de produção e a capacidade de rendimento das culturas, em geral, quando o preço da soja é pelo menos 2,3 vezes o preço do milho, a produção de soja é mais favorável ao produtor, que opta pela oleaginosa. Em Santa Catarina, essa tendência clara tem sido observada há vários anos, o que explica a substituição de áreas de milho por áreas de soja. Destaca-se, contudo, que, problemas climáticos observados no decorrer da safra, o aparecimento de pragas e doenças, principalmente a ferrugem asiática, resultaram em aumento dos custos, o que reduziu a margem do produtor de soja no Estado. Esse aumento dos custos, combinado com o aumento do preço do milho mais que proporcional ao aumento do preço da soja, alterou a relação de troca entre os dois grãos, e deve influenciar na decisão do produtor na próxima safra.

Dessa forma, espera-se que o aumento da área de soja seja pouco significativo, cerca de 1,65% em relação à safra anterior, totalizando cerca de 646 mil hectares. O aumento da produtividade em cerca de 4% deverá resultar em uma produção 6% maior que a da safra 2015/16, algo em torno de 2,2 milhões de toneladas. As regiões onde são esperados os maiores incrementos de área são Concórdia, Curitibanos, Ituporanga e Campos de Lages. Nas regiões de Concórdia e Curitibanos há predominância de terras de primeira, de fácil mecanização e expansão da produção de soja. Já na região de Campos de Lages, há uma tendência de abertura de novas áreas, que se dá via estabelecimento do plantio de soja, por pelo menos quatro anos consecutivos.

Arroz irrigado

Os resultados da safra 2015/16 de arroz irrigado em Santa Catarina apontaram para uma quebra de 5,5% da produção. Com a ocorrência do fenômeno El Niño, a expectativa era que essa quebra fosse superior, o que não se confirmou pela recuperação da produção em algumas regiões produtoras no decorrer do ano. As principais causas da quebra nas regiões foram os problemas climáticos, tais como excesso de chuvas, principalmente nas regiões do Alto Vale e do Norte Catarinense, baixa luminosidade, ocorrência de pragas e doenças. As microrregiões em que tais efeitos foram mais significativos são Ituporanga, Joinville, Tabuleiro e Itajaí, em que as perdas ultrapassaram 15% da produção. Entretanto, em Araranguá, responsável por 37% da produção, houve crescimento da produção em relação ao ano passado. A produtividade média no estado encontra-se praticamente estabilizada desde 2002, em torno de 7.200kg/ha. No entanto, os problemas climáticos ocorridos em 2015/16 levaram a produtividade para baixo, 6.998kg/ha na média do Estado, mas com regiões que apresentaram produtividade abaixo de 6.000kg/ha.

Para a safra 2016/17 espera-se um aumento de 0,45% da área plantada. Isso porque para a cultura do arroz as áreas já estão consolidadas, não havendo grandes alterações, mesmo que o mercado esteja favorável ao produtor. O clima propício tenderá a promover produtividades superiores às observadas no ano passado, resultando em produção de 1,1 milhão de toneladas no ano que se inicia. O bom momento vivido no mercado de arroz catarinense, influenciado principalmente pela quebra de safra ocorrida no Rio Grande do Sul e em algumas regiões de Santa Catarina, permitiram aos produtores aumentar sua margem, apesar da elevação dos custos ocorridos na safra.

Feijão 1ª safra

Em termos de preços recebidos, a safra 2015/16 foi excepcionalmente boa para produtores de feijão. O preço pago pela saca de feijão foi o maior da história, aspecto que deveria estimular os produtores catarinenses a aumentar suas áreas de cultivo. Diferentemente do milho, cujo preço é norteado mais pelas cotações do cereal na Bolsa de Chicago e pela variação cambial do dólar, o feijão é um cereal que possui pouca importância em nível mundial. Com pequeno consumo entre os países desenvolvidos, e um mercado ainda por ser explorado, seu crescimento no comércio internacional é inexpressivo, mesmo porque os maiores produtores mundiais também são os maiores consumidores, o que torna pequeno o excedente exportável. Com isso, a variação nos preços é ditada pela demanda interna dos países produtores, demanda esta que em anos de diminuição de oferta, seja ela por problemas climáticos, seja por ocorrência pragas e doenças, interfere decisivamente nos preços.

Os meteorologistas estão prevendo que a safra 2016/17 será influenciada pelo fenômeno La Niña, com clima ameno e bom regime hídrico, sem o risco de eventos climáticos extremos, como excesso de chuvas na época da colheita. Em Santa Catarina, o plantio de feijão 1ª deve iniciar em setembro. Em não havendo nada que atrapalhe o bom andamento da safra, os preços do feijão deverão seguir um comportamento cíclico de queda entre os meses de dezembro e fevereiro. Isso acontece pela redução do consumo nessa época do ano, quando temos férias escolares e festividades natalinas e de encerramento do ano civil.

Estimativas preliminares indicam que a 1ª safra de 2016/2017 em Santa Catarina deverá contar com uma área plantada de 46.328ha. Isso é cerca de 4,5% menor do que foi cultivado na safra passada, que foi de 48.513ha. Essa expectativa confirma o comportamento histórico da cultura em nosso estado, que a cada ano vem perdendo espaço para outras culturas. Nos últimos 10 anos Santa Catarina perdeu cerca de 43,7% de sua área de feijão total (soma da 1ª e 2ª safras). Em 2005 a área plantada era de 128.510ha, e em 2015 esse número foi estimado em 72.353ha. A produção, para esta primeira safra de feijão, com previsão de aumento de 6,46%, deve passar das 83.601 toneladas em 2015/16 para cerca de 88.999 toneladas na safra 2016/17. Em rendimento também é esperado incremento, passando dos atuais 1.723kg/ha para 1.921kg/ha na safra 2016/17, um aumento de 11,28%. Nos últimos anos, boa parte dos produtores tem optado por substituir o cultivo de feijão por soja ou milho. O produtor cada vez mais trabalha buscando reduzir custos de produção e tomar decisões com base em contratos de venda, passando a investir em culturas com menor risco de perdas de rentabilidade pela volatilidade dos preços.

Em nível nacional, a Companhia Brasileira de Abastecimento (Conab) prevê aumento na área plantada, na produção e no rendimento. Para o estado do Paraná, principal produtor nacional de feijão, mesmo com o vazio fitossanitário de três meses (15/6 a 15/9), que proíbe o cultivo de soja em sucessão à soja na mesma área e no mesmo ano agrícola, como medida preventiva da praga causadora da ferrugem asiática, espera-se aumento na área de soja em detrimento da área de feijão. Com isso, estima-se que a área destinada a feijão nesse estado deverá receber modesto incremento em relação à última safra. Minas Gerais, em função de problemas fitossanitários pela alta incidência de mosca-branca, principal vetor e disseminador do vírus do mosaico dourado do feijoeiro (VMDF), que vêm aumentando a cada ano, aliado a problemas de estiagem ocorridos na última safra, a tendência é de manutenção da área plantada. Para os estados do Nordeste, a expectativa que as áreas de cultivo da 1ª safra de feijão não sofram alteração. Esse prognóstico dependerá das condições climáticas. Caso a região receba um bom e regular volume de chuvas, é provável que a produção e a produtividade aumentem.

Estimativa Inicial da safra de verão 2016/17 das principais frutas de Santa Catarina

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. – Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Santa Catarina dispõe de regiões de clima subtropical e temperado com estações do ano bem definidas o que possibilita a produção de fruteiras adaptadas a esses diferentes climas e que aliada à pesquisa agropecuária e socioeconômica pode ampliar o cultivo das mais diversas frutas.

Em regiões mais altas como a Serrana e o Vale do Rio do Peixe, que no inverno pode contar com as horas-frios necessárias para a produção de pêssego, maçã, pera e uvas viníferas são as mais favoráveis para a produção comercial destas frutas. Em outras regiões, como as do litoral catarinense e o Vale do Itajaí, com temperaturas mais amenas e presença de umidade, se incentiva o cultivo de banana, maracujá e tangerinas. Já no Oeste Catarinense com grandes variações de temperatura e clima mais seco é mais adequado para a produção de laranjas e uvas comum e de mesa entre outras.

No estado de Santa Catarina as principais lavouras permanentes representaram mais de 55 mil hectares de área em produção com quantidade produzida estimada em mais de 1,5 milhão de toneladas, gerando um valor bruto da produção de cerca de R\$ 1,0 bilhão distribuído entre os mais de 14 mil produtores de frutas na safra 2014-15 (Epagri-Cepa, 2015).

A participação da bananicultura estadual concentra suas lavouras permanentes na mesorregião do Norte Catarinense com cerca de 50% da produção e 44% do VBP do setor, sendo que essa participação se mantém constante nas safras 2013-14 e 2014-15. No Vale do Itajaí estão 39% da produção de banana com 33% do VBP, mas houve aumento na representatividade da produção e redução no valor bruto gerado da safra anterior. No Sul Catarinense representa 10% da quantidade produzida no estado e 21% do valor bruto gerado, com relação às últimas safras houve aumento no valor bruto.

A maleicultura está distribuída nas mesorregiões Serrana com 77% da produção e outros 22% no Alto Vale do Rio do Peixe pertencente à microrregião de Joaçaba no Oeste Catarinense. Na região Serrana são gerados 74% do VBP da fruta, enquanto que em Joaçaba concentra 25% do VBP do setor. No comparativo de safras a produção da mesorregião do Norte Catarinense, na microrregião de Canoinhas, passa a figurar com 1% da produção e do VBP da cultura da maçã.

Tabela 2 – Estimativa inicial da safra de verão 2016/17 das principais frutas do estado

Produto	2015/16			2016/17 Estimativa inicial			Variação % (15/16 a 16/17)		
	Área Colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Colhida	Quantidade produzida	Rend. Médio
Banana	28.487	735.323	25.813	28.481	735.222	25.814	-0,02	-0,01	0,01
Maçã	16.398	552.259	33.678	16.423	591.292	36.004	0,15	7,07	6,91

Fonte: Epagri/Cepa, 2016.

Banana

Os resultados da safra 2015/16 de banana em Santa Catarina apontaram para aumento de 3,6% na produção. No início do segundo semestre de 2015, a baixa oferta da banana nas regiões sudeste e nordeste que sofriam com a estiagem garantiram cotações valorizadas para a fruta catarinense. No inverno as temperaturas foram mais altas que a média, mas no final da primavera houve aumento da umidade com temperaturas mais amenas. No primeiro semestre de 2016, com temperaturas altas e baixa umidade nas regiões produtoras do estado, ocasionou aumento da produção com frutas de calibre e qualidade adequadas ao mercado. As microrregiões de Blumenau e Itajaí apresentaram aumentos na produção, em relação a safra anterior, de 21% e 9%, respectivamente. Na microrregião de Joinville, a readequação nas áreas determinou uma redução de 6% nos valores da produção com relação a safra anterior. No sul, a microrregião de Araranguá aumentou 12% a produção com aumento de 2,6% na área colhida. As três microrregiões localizadas no litoral norte apresentaram produtividades acima da média estadual. Para a safra 2016/17 espera-se a manutenção da quantidade produzida na safra 2015/16. Pois, no segundo semestre de 2016 as regiões produtoras começam a sofrer os reflexos de temperaturas mais baixas com ocorrência de geada que comprometem a qualidade, provocando manchas na casca, endurecimento do fruto e ainda a queima das folhas. Com isso, os ciclos de produção na lavoura devem diminuir com perspectiva de retração na oferta e pequena recuperação relativa nos preços. A qualidade das frutas mineiras e nordestinas comprometem a perspectiva de valorização nos preços nacionais, pois, a falta de chuva do final de 2015 prejudicou o desenvolvimento das plantas. Porém, a baixa oferta no mercado e o aumento da demanda por frutas tendem a garantir a valorização dos preços. A expectativa é que apenas em dezembro a oferta volte a aumentar com redução nas cotações da fruta.

Maçã

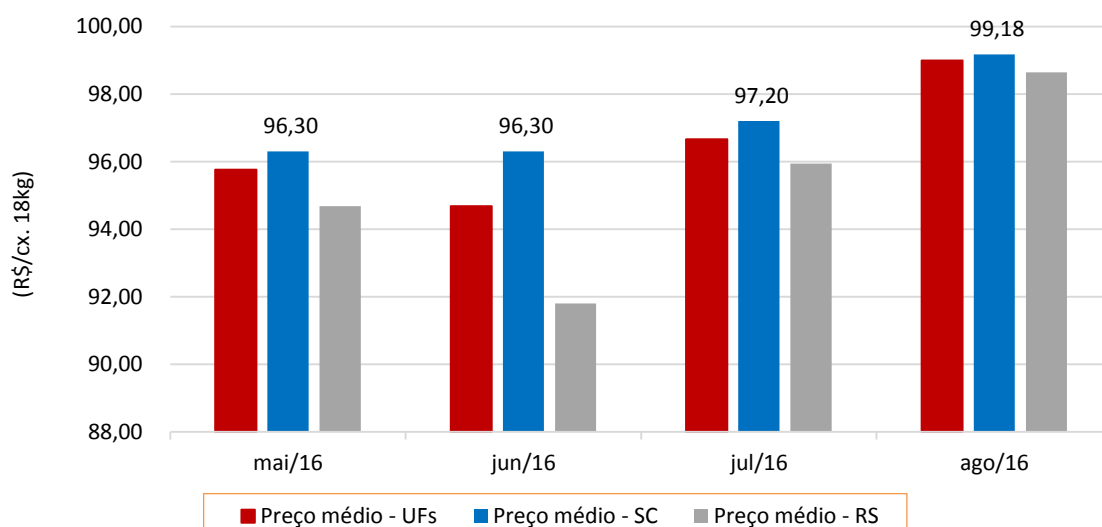
Os resultados da safra 2015/16 de maçã em Santa Catarina apontaram para uma perda de 10,03% da produção. A ocorrência de granizo, de geada e o excesso de chuvas com altas temperaturas no inverno afetaram pomares no início da frutificação nas principais regiões produtoras. Em quantidade produzida, as perdas foram cerca de 50% menores que as esperadas. No entanto, em torno de 60% dos frutos apresentaram menor calibre e algumas deformidades, determinando uma safra com concentração de frutas cat. 1 e cat.3, e poucas maçãs cat.2. no mercado. Isso reduziu o volume estocado para comercialização no segundo semestre de 2016. Na microrregião de Joaçaba a área colhida foi 11% menor com uma produção 15% abaixo da quantidade da safra 2014/15. Em Curitiba houve redução de 7% na área colhida e na produção, mas, com manutenção da produtividade acima da média estadual. Nos Campos de Lages, responsável por mais de 70% da produção em 2014/15, a área colhida foi 5,5% menor com 8,8% de diminuição na produção. A produtividade média nestes duas microrregiões foi 4,3% e 3,5% menor que o da safra anterior, enquanto, a média estadual ficou em 33.678 kg/ha com redução de 3,4%.

Para a safra 2016/17 espera-se uma recuperação de cerca de 7% na quantidade produzida, com manutenção das áreas em produção da safra anterior. As condições climáticas estão favoráveis ao desenvolvimento das macieiras, com ocorrência de horas de frio acima da média histórica dos últimos três anos. As condições favoráveis estão promovendo a antecipação da brotação nas macieiras podendo haver concentração na floração das cultivares Gala e Fuji. Com os estoques baixos da safra 2015/16, a estimativa é que a quantidade produzida aumente cerca de 8% na microrregião de Joaçaba e em torno de 7,6% nos Campos de Lages e garanta o aumento de maçãs cat.1 e cat. 2, com manutenção das cotações valorizadas ao longo do período, devido a demanda reprimida do final de 2016 e início de 2017 e estoques com frutas de melhor qualidade para o final de 2017. No primeiro semestre de 2016, o aumento nas importações de maçãs chilena e europeia atendeu a demanda de grandes atacadistas e supermercadistas que aproveitaram a grande oferta dessas maçãs no mercado internacional. O Chile foi a principal origem das frutas importadas, apresentando menor preço médio negociado (US\$154,88 a caixa de 19kg) que possibilitou o suprimento do mercado atacadista com a baixa oferta da fruta brasileira no mercado.

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*) Cat. 1 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa nº 5, de 2006, do Mapa.

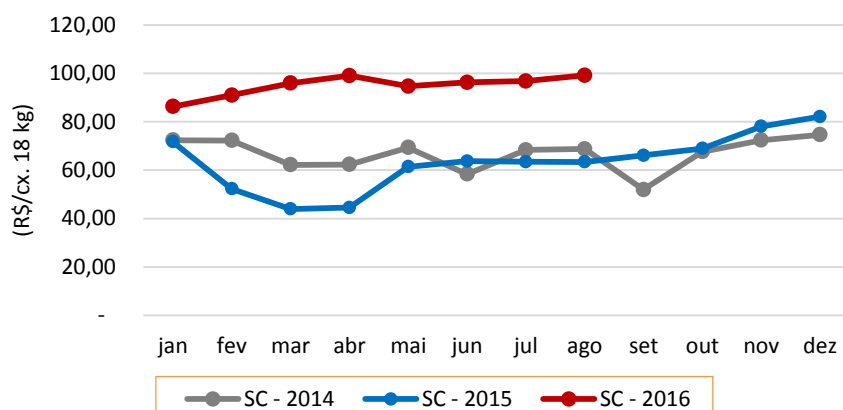
Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado

Em agosto, a cotação do preço da fruta catarinense está 4,7% maior que a cotação de maio, com negociação de frutas de melhor qualidade nos últimos meses. No mercado está prevista a entrada de frutas estocadas em atmosfera controlada já a partir da primeira quinzena de outubro, principalmente da variedade Fuji. Entre junho e julho o preço na Ceagesp reagiu em 2,2% à cotação de maio, com recuperação da queda de 4,4% ocorrida entre abril e maio para a maçã catarinense. A grande oferta de maçã cat. 3 ainda pode afetar os preços médios da fruta no atacado.

Na Ceagesp o volume negociado de maçã catarinense, entre janeiro e agosto, representou 62,3% do total, com mais de 167 mil toneladas só no entreposto paulistano. O maior volume oriundo de Santa Catarina foi de 68,5% do total, em maio. Já no mês de agosto foram negociados 62,5% do total mensal comercializado na Ceagesp.

A diminuição sazonal da demanda de maçã está chegando ao fim, o que incentiva a entrada de frutas estocadas no início do próximo mês. Os preços continuam elevados com relação a 2015, e a previsão de temperaturas baixas cria expectativa de aquecimento do mercado da fruta *in natura* para maçãs cat. 1. É intensificado o escoamento dos últimos estoques de cat. 3, sendo destinados a indústria.



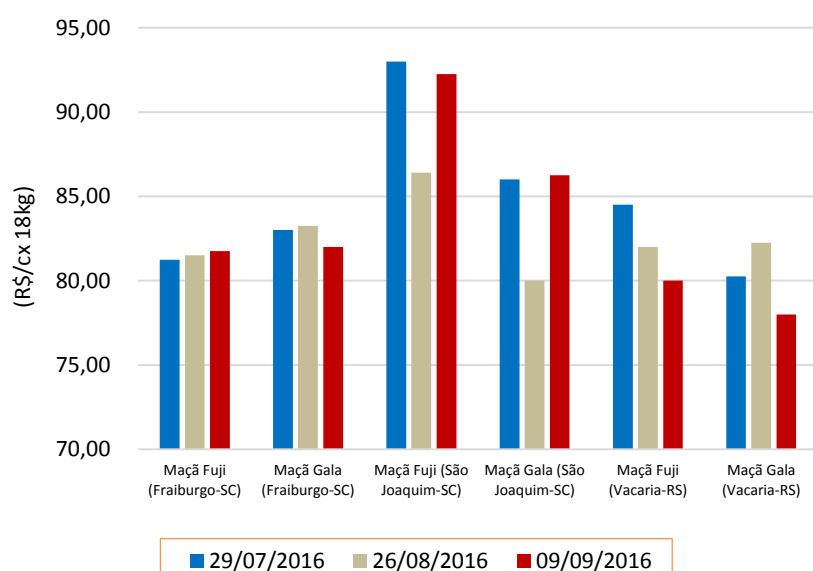
Nota: Preço deflacionado pelo IGP-DI (ago/16=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Maçã – Preço médio mensal de Santa Catarina no atacado entre 2014 e 2016

A cotação da maçã na safra 2016 segue mais valorizada que as anteriores. No comparativo de preços referente ao mês de agosto, houve valorização de 44% entre 2014 e 2016, e ainda de 56% entre 2015 e 2016.

A maior valorização se deu no mês de abril, entre 2015 e 2016, com mais de 120%. A contração da oferta de frutas totais (principalmente da cat. 2) no mercado foi um dos fatores responsáveis pela elevação das cotações neste ano. O aumento ocorrido nos custos, inclusive no preço da fruta, também elevou o patamar de preço mínimo exigido no mercado. Com isso, os atrasos no repasse de subsídios para o setor, no início do ano, deixaram os produtores e as cooperativas mais conservadores na negociação.



Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

Em Fraiburgo, o preço recebido pelo produtor da Gala (cat. 1) continua desvalorizado. O período de brotação já iniciou e deve estender-se até a primeira quinzena de outubro, com expectativa de uma safra de frutas de melhor qualidade.

Em São Joaquim, o preço de ambas as variedades se recupera da queda na cotação de agosto. Boas expectativas de horas de frio para a próxima safra e a entrada de frutas de qualidade de AC elevam os preços.

Em Vacaria, RS, os preços das maçã 'Gala' e 'Fuji' sofrem com a grande oferta de frutas de baixo calibre. Os estoque estão finalizados.

Maçã – Comparativo da safra 2015/16 e estimativa de safra 2016/17 em Santa Catarina

Principais microrregiões com cultivo de maçã	Safra 2015/16 ⁽¹⁾ (Epagri/Cepa)			Estimativa 2016/17 (Epagri/Cepa)			Variação entre as safras 2016/17 e 2015/16		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área colhida	Quant. prod.	Rend. médio
Joaçaba	3.284	119.163	36.286	3.287	128.829	39.190	0,10	8,11	8,00
Canoinhas	162	4.768	29.432	159	4.558	28.713	-2,00	-4,40	-2,44
Curitibanos	1.007	38.698	38.429	1.008	38.682	38.375	0,10	-0,04	-0,14
Campos de Lages	11.939	389.584	32.631	11.963	419.186	35.041	0,20	7,60	7,38
Outras	6	46	7.667	6	37	6.275	-3,00	-20,61	-18,15
Total	16.398	552.259	33.678	16.423	591.292	36.004	0,15	7,07	6,91

⁽¹⁾ Na safra são consideradas as perdas do segundo semestre de 2015.

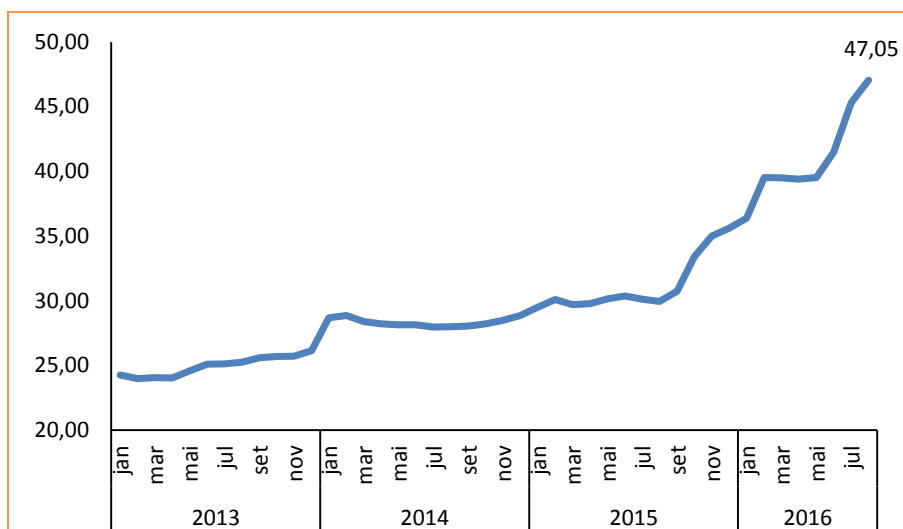
Fonte: CGEA/LSPA/IBGE de junho de 2016⁽¹⁾ e Epagri/Cepa (2016).

Nas microrregiões produtoras de Joaçaba e São Joaquim, a expectativa é de recuperação da produção na safra 2016/17. Os pomares das regiões que estavam no período de dormência foram favorecidos com as baixas temperaturas e presença de geada em algumas localidades. As temperaturas reduzidas neste final da dormência garantem melhor desenvolvimento dos frutos após o início da florada.

Grãos

Arroz

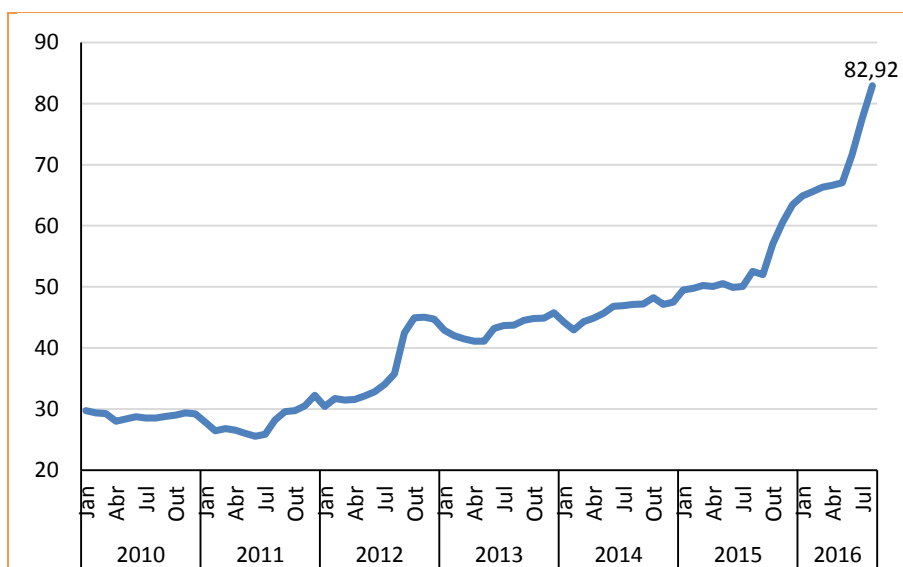
Glaucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal real – Santa Catarina (jan./2014 a ago./2016) – R\$/sc 50kg

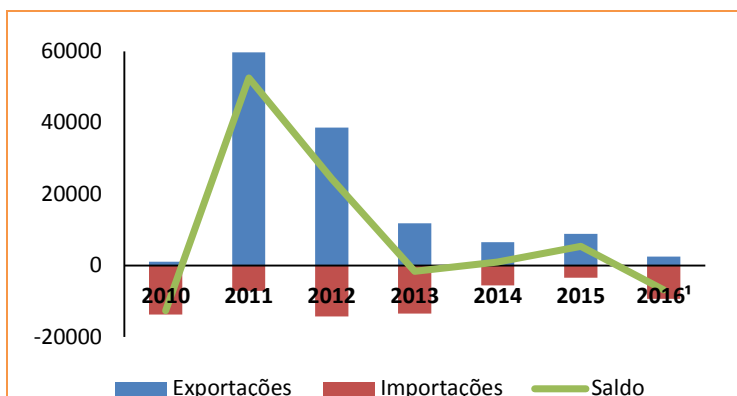
Os preços médios ao produtor em Santa Catarina continuaram crescentes no mês de agosto de 2016, em parte explicado pela sazonalidade dos preços em função do período de entressafra do grão. Esse comportamento de elevação dos preços nos últimos meses é atípico e foi fortemente influenciado pela quebra de safra ocorrida nas principais regiões produtoras. No entanto, eles não devem manter-se nesse patamar, haja vista que para a safra 2016/17 é esperado um clima propício ao plantio do grão, sendo prevista uma boa safra para Rio Grande do Sul e Santa Catarina, direcionando o mercado para a normalidade. No Rio Grande do Sul a alta nos preços enfraqueceu nos últimos meses em decorrência da entrada de volume expressivo de arroz do Mercosul para atender a demanda da indústria, o que tende a influenciar os preços de Santa Catarina, principalmente no sul do Estado.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz beneficiado – Evolução do preço médio mensal real – Santa Catarina (jan./2010 a jul./2016) – R\$/fardo 30kg

Em Santa Catarina, a média mensal do preço ao produtor fechou em R\$47,05, ligeiramente superior ao mês passado. Os produtores capitalizados já começam a preparar a terra para o plantio da safra 16/17, e em algumas regiões do estado, onde o plantio é realizado mais cedo, já se observa alguma movimentação nesse sentido. Já no atacado, o fardo de 30kg de arroz beneficiado foi remunerado a R\$82,92 em Santa Catarina.



(¹) Total acumulado de janeiro a agosto de 2016.

Fonte: Secex/MDIC.

Arroz em casca – Evolução das exportações, importações e saldo anuais de Santa Catarina (em t)

O comércio internacional de arroz em Santa Catarina, embora pouco representativo, mostra uma tendência de queda das exportações ao longo dos últimos anos. Observa-se que em 2016, o saldo da balança comercial desse produto voltou a ficar negativo, o que não ocorria desde 2013. Os preços internos valorizados fizeram com que os produtores se voltassem para o mercado interno, o que resultou em exportações muito baixas nos meses de junho, julho e agosto. Além disso, entre julho e agosto houve uma forte entrada de arroz do Mercosul para suprir a necessidade da indústria, o que resultou em saldo da balança comercial ainda mais negativo.

Arroz irrigado – Acompanhamento da safra 2015/16 - Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa inicial safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	148.129	1.087.232	7.340	146.692	1.026.554	6.998	-0,97	-5,58	-4,66
Araranguá	51.660	359.292	6.955	51.404	362.979	7.061	-0,50	1,03	1,53
Tubarão	21.268	153.816	7.232	20.911	149.118	7.131	-1,68	-3,05	-1,40
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.773	145.947	7.026	-0,46	-2,53	-2,08
Joinville	19.811	157.487	7.949	19.655	126.509	6.436	-0,79	-19,67	-19,03
Rio do Sul	10.798	88.967	8.239	10.684	77.324	7.237	-1,06	-13,09	-12,16
Itajaí	9.283	71.384	7.690	9.088	59.997	6.602	-2,10	-15,95	-14,15
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.208	65.441	7.973	-0,33	-0,24	0,09
Florianópolis	3.110	17.336	5.574	2.895	16.336	5.643	-6,91	-5,77	1,23
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	259	2.072	8.000	259	1.554	6.000	0,00	-25,00	-25,00
Tabuleiro	146	1.238	8.479	125	1.050	8.400	-14,38	-15,19	-0,94

Fonte: Epagri/Cepa.

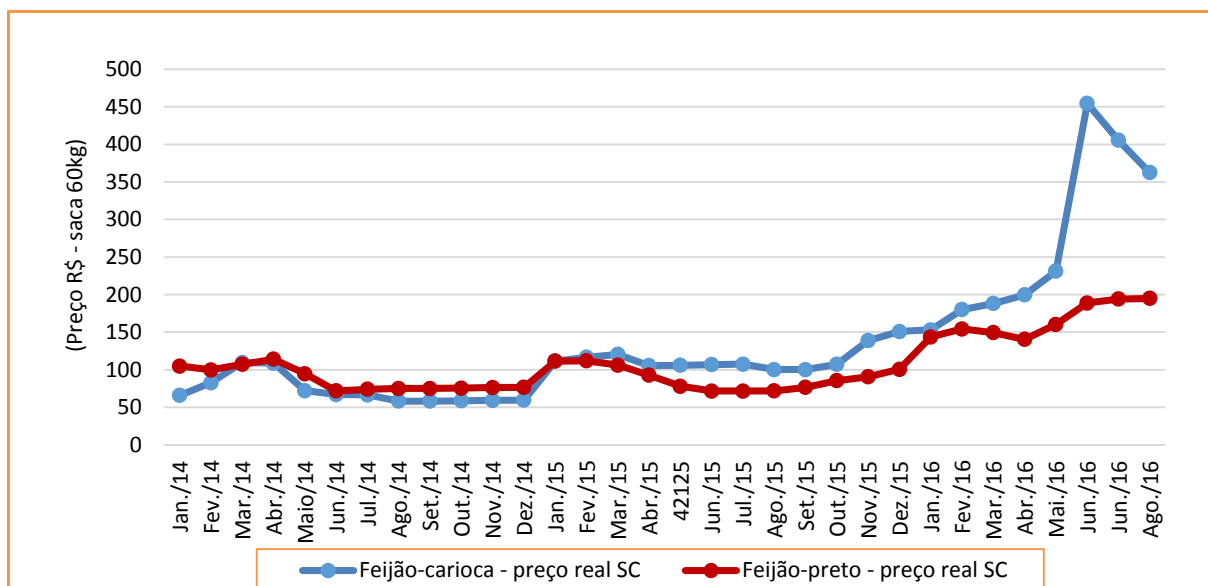
A safra de arroz irrigado em Santa Catarina encontra-se finalizada, e os resultados apontam para uma quebra de 5,5% na produção, apesar de inicialmente o cenário indicar uma safra com quebras previstas maiores. As principais causas da quebra nas regiões foram os problemas climáticos desencadeados pelo fenômeno El Niño, que causaram excesso de chuvas, principalmente na região do Alto Vale e Norte Catarinense, baixa luminosidade, ocorrência de pragas e doenças, entre outros. As microrregiões em que tais efeitos foram mais significativos são Ituporanga, Joinville, Tabuleiro e Itajaí, em que as perdas ultrapassaram 15% da produção. Entretanto, em Araranguá, responsável por 37% da produção, houve crescimento da produção em relação ao ano passado. Isso ocorreu porque, apesar de inicialmente o quadro climático ser desfavorável, em janeiro houve uma mudança na precipitação e insolação, o que permitiu a recuperação das lavouras e até aumento da produtividade. Para a próxima safra, como as áreas de arroz no Estado já estão consolidadas, espera-se uma recuperação da área em relação ao ano anterior. Ademais, como é esperado um ano com clima favorável à produção do grão, a produtividade deverá ser superior e resultar em aumento da produção.

Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: preços reais, corrigidos pelo IGP-DI (agosto/2016 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor de feijão-carioca (praça de referência: Joaçaba, SC) e feijão-preto (praça de referência: Chapecó, SC) (jan./2014 a ago./2016)

No último mês, em Santa Catarina, o preço médio do feijão-preto pago ao produtor permaneceu sem variação na praça de referência do Estado. Com isso, o mercado de feijão-preto segue estável, com vendas bastante ativas devidas à diferença de preço para o feijão-carioca. Na região de Chapecó, o preço médio da saca de 60kg pago ao produtor, descontada a inflação, teve uma variação positiva de 0,43%. Já o feijão-carioca teve variação negativa de 10,6%. No mercado atacadista, os preços do carioca ficaram estáveis. No mercado atacadista de São Paulo, o mês de agosto encerrou com o feijão-carioca extra (nota 9,5) sendo comercializado com preços em torno de R\$400, mas também estavam disponíveis lotes mais baratos (nota 8,5), com preços médios praticados na faixa de R\$380 a saca. Boa parte do feijão-carioca disponível atualmente para venda tem procedência dos estados de Minas Gerais e Goiás. Apesar de haver uma oferta constante e segura do produto, o consumo do feijão carioca reduziu significativamente, o que promoveu certo equilíbrio na balança entre oferta e demanda. Com o mercado calmo, existe alguma preocupação com o declínio nos preços do cereal, mas aparentemente não há motivos para quedas mais abruptas que as que ocorreram no último mês.

Feijão-carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) jul./2016	Preço (R\$) ago./2016	Variação mensal (%)
Santa Catarina⁽¹⁾	407,14	362,38	-10,99
Paraná	391,85	373,22	-4,75
Minas Gerais	409,16	375,79	-8,16
Espírito Santo	471,25	340,00	-27,85
Bahia	400,00	375,41	-6,15
Goiás	377,11	355,64	-5,69

⁽¹⁾ Praça de referência: Joaçaba.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraídos em 13/8/2016).

No último mês ocorreu acentuada queda nos preços pagos ao produtor pelo feijão-carioca. Em Santa Catarina, em termos de preço nominal, a variação ficou 10,99% menor, e no Paraná, queda de 4,75%. A maior queda foi verificada no estado do Espírito Santo, com declínio de 27,85%. Em Minas Gerais e Goiás, estados que atualmente estão abastecendo o mercado paulista, a queda foi um pouco menor, 8,16% e 5,69% respectivamente.

Feijão-Preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) jul./2016	Preço (R\$) ago./2016	Variação mensal (%)
Santa Catarina⁽¹⁾	195,00	195,00	0,00
Espírito Santo	313,13	299,00	-4,51
Goiás	312,50	295,00	-5,60
Paraná	223,56	220,67	-1,29
Rio de Janeiro	267,50	274,00	2,43
Rio Grande do Sul	177,00	182,07	2,86

⁽¹⁾ Praça de referência: Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraídos em 13/08/2016).

Já o feijão-preto sofreu pouca variação de preço no último mês. O estado de Goiás apresentou a menor queda: 5,6% no preço pago ao produtor pela saca de 60kg, seguido por Espírito Santo, com queda de 4,51%, e Paraná, queda de 1,29%. Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul tiveram variação positiva de 2,43% e 2,86% respectivamente.

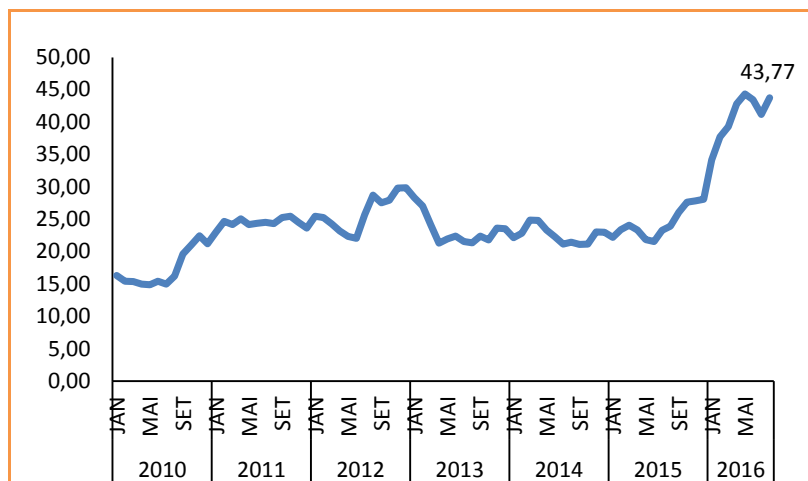
Perspectivas para a safra 2016/17 de feijão 1ª em Santa Catarina

Estimativas preliminares indicam que a 1ª safra de 2016/17 deve contar com uma área plantada pouco menor em comparação com a safra anterior. Essa expectativa confirma o comportamento histórico da cultura em nosso estado, que, a cada ano, vem perdendo espaço para outras culturas. Nos últimos 10 anos Santa Catarina perdeu cerca de 78% de sua área de feijão; em 2005 a área plantada era de 128.510ha e em 2015 esse número foi estimado em 72.353ha. Já o rendimento médio passou de 1.278kg/ha para 1.723kg/ha, aumento em torno de 35%. Para a próxima safra, a tendência é a mesma: também é esperado aumento em produção e em rendimento.

Nos últimos anos, boa parte dos produtores tem optado por substituir os cultivos de feijão por soja ou milho, comportamento este que tem sido comum na maioria dos estados brasileiros produtores de grãos. O produtor cada vez mais busca reduzir custos de produção e tomar decisões com base em contratos de venda antecipada, bem como acaba investindo em culturas com menor risco de perdas de rentabilidade pela volatilidade dos preços. Em termos de preços recebidos, a safra 2015/16 foi excepcionalmente boa para produtores de feijão. O preço pago pela saca de feijão foi o maior da história, aspecto que deveria estimular os produtores catarinenses a aumentar suas áreas de cultivo. A previsão dos meteorologistas é de que esta safra 2016/17 seja climatologicamente influenciada pelo fenômeno La Niña, com clima ameno e bom regime hídrico, condição que deverá contribuir para a redução dos riscos de excesso de chuvas, sobretudo na época de colheita. Com plantios programados para iniciarem em setembro, e em não havendo nada que atrapalhe o bom andamento da safra, os preços do feijão devem seguir um comportamento cíclico de queda entre os meses de dezembro e fevereiro. Isso acontece pela redução no consumo nessa época do ano, quando temos férias escolares e festividades natalinas e de encerramento do ano civil. Num cenário de oferta regular com a entrada da produção da nova safra e com a expectativa de bons volumes de produção na segunda safra, é possível que a partir de janeiro de 2017 a saca do feijão seja negociada a um preço médio de R\$200,00 a saca de 60kg.

Milho

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

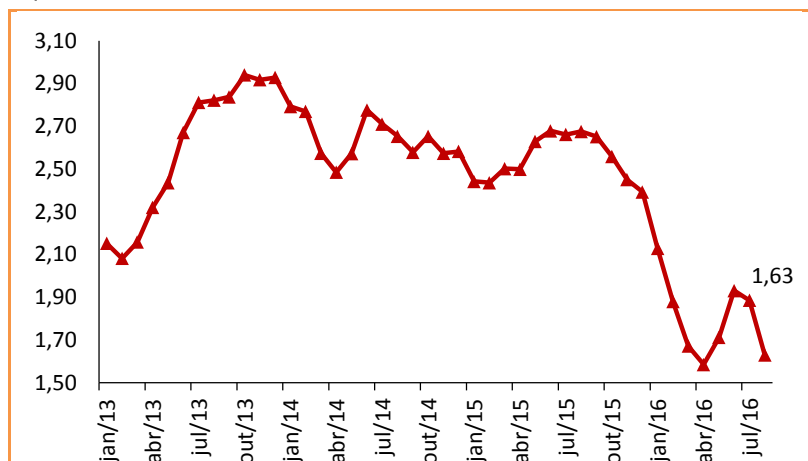


Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina – jan./2014 a ago./2016

O preço médio do milho em Santa Catarina no mês de agosto de 2016 fechou a R\$43,77, uma reação de cerca de 6% em relação ao mês anterior. Essa alta no preço é explicada principalmente pelo período de entressafra no Estado, onde praticamente todo grão já foi comercializado. Esses preços atingiram o maior patamar dos últimos anos e têm-se mantido elevados. Contudo, a expectativa de safra americana volu-mosa tem freado os preços no mercado externo e pode influenciar os preços do grão no Brasil e em Santa Catarina. Comparativamente aos preços da soja, observa-se que no mês de agosto a

equivalência de



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

de preços que fechou em 1,63 continuou favorável ao produtor de milho no Estado. Essa relação manteve-se favorável ao sojicultor de 2013 até janeiro de 2016, considerando os custos de produção e o retorno obtido com as duas culturas. Com a alta dos preços dos dois grãos na safra 2015/16, e os preços do milho valorizando proporcionalmente mais que a soja, essa tendência se reverteu e tem-se mantido favorável ao produtor de milho desde então. Em agosto de 2016 enquanto o preço do milho aumentou 6%, o preço da soja caiu

8% em relação ao mês anterior, como reflexo do comportamento do mercado externo. Salienta-se que, apesar de o mercado de milho estar favorável, essa não deve ser uma condição permanente, haja vista que a próxima safra se aproxima com boas perspectivas e a soja continua sendo um grande concorrente por área no Estado por sua maior liquidez.

Milho grão total – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15			Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	4.550	23.178	5.094	7.731	41.095	5.316	69,91	77,30	4,35
Blumenau	1.838	7.014	3.816	1.673	6.400	3.825	-8,98	-8,75	0,25
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	32.530	239.289	7.356	-8,37	2,43	11,78
Canoinhas	39.000	367.295	9.418	30.500	266.270	8.730	-21,79	-27,51	-7,30
Chapecó	65.515	506.044	7.724	62.090	450.839	7.261	-5,23	-10,91	-5,99
Concórdia	33.750	232.006	6.874	31.140	211.666	6.797	-7,73	-8,77	-1,12
Criciúma	6.492	35.157	5.415	7.833	47.141	6.018	20,66	34,09	11,13
Curitibanos	27.258	270.358	9.918	19.848	182.149	9.177	-27,18	-32,63	-7,47
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3.685	54	199	3.685	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	11.390	79.488	6.979	10.080	61.600	6.111	-11,50	-22,50	-12,43
Joaçaba	62.877	531.140	8.447	55.552	443.751	7.988	-11,65	-16,45	-5,44
Joinville	485	1.674	3.452	390	1.284	3.292	-19,59	-23,30	-4,61
Rio do Sul	22.870	141.461	6.185	19.450	111.432	5.729	-14,95	-21,23	-7,38
São Bento do Sul	6.000	51.090	8.515	5.500	44.750	8.136	-8,33	-12,41	-4,45
São Miguel do Oeste	41.800	293.742	7.027	45.640	282.792	6.196	9,19	-3,73	-11,83
Tabuleiro	3.655	12.505	3.421	3.505	11.968	3.415	-4,10	-4,29	-0,20
Tijucas	1.630	7.505	4.604	1.690	6.237	3.691	3,68	-16,90	-19,85
Tubarão	5.885	31.136	5.291	6.436	37.737	5.863	9,36	21,20	10,83
Xanxerê	33.775	322.508	9.549	23.500	207.534	8.831	-30,42	-35,65	-7,51
Santa Catarina	404.943	3.149.420	7.777	368.731	2.650.765	7.189	-8,94	-15,83	-7,57

Fonte: Epagri/Cepa.

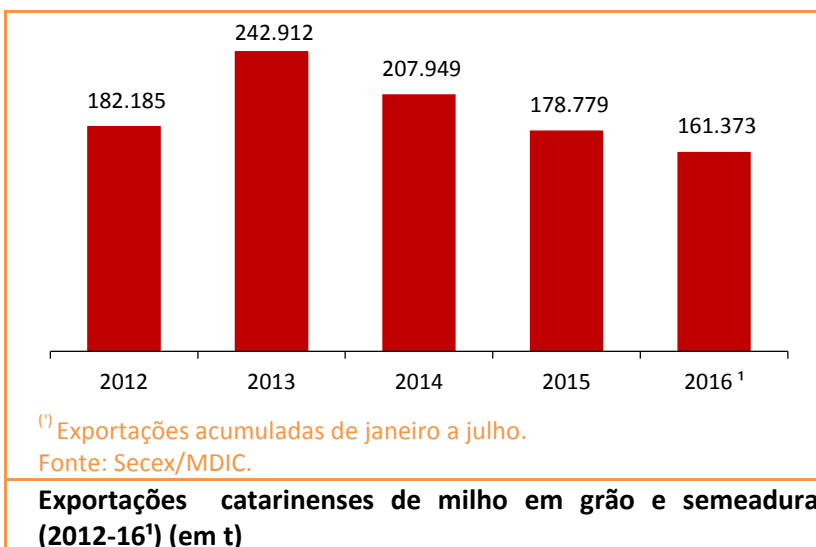
Milho silagem – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15			Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	5.179	228.310	44.084	4.560	160.475	35.192	-11,95	-29,71	-20,17
Blumenau	1.667	73.740	44.235	1.797	69.865	38.879	7,80	-5,25	-12,11
Campos de Lages	5.375	197.425	36.730	5.320	220.250	41.400	-1,02	11,56	12,71
Canoinhas	150	4.500	30.000	3.800	140.000	36.842	2.433,33	3011,11	22,81
Chapecó	52.510	2.303.892	43.875	58.800	2.416.709	41.100	11,98	4,90	-6,32
Concórdia	15.580	656.700	42.150	18.280	737.800	40.361	17,33	12,35	-4,24
Criciúma	3.196	144.160	45.106	2.502	97.080	38.801	-21,71	-32,66	-13,98
Curitibanos	2.500	102.220	40.888	2.550	102.220	40.086	2,00	0,00	-1,96
Florianópolis	179	7.660	42.793	326	13.510	41.442	82,12	76,37	-3,16
Itajaí	60	1.800	30.000	60	1.800	30.000	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	2.580	106.800	41.395	2.580	108.800	42.171	0,00	1,87	1,87
Joaçaba	11.600	535.500	46.164	15.100	661.100	43.781	30,17	23,45	-5,16
Rio do Sul	15.380	586.500	38.134	14.830	527.010	35.537	-3,58	-10,14	-6,81
São Bento do Sul	660	45.900	69.545	-	-	-	-	-	-
São Miguel do Oeste	71.830	1.569.970	21.857	47.190	1.613.840	34.199	-34,30	2,79	56,47
Tabuleiro	1.170	61.950	52.949	1.320	70.950	53.750	12,82	14,53	1,51
Tijucas	2.290	75.422	32.935	2.470	71.020	28.753	7,86	-5,84	-12,70
Tubarão	9.597	419.445	43.706	9.068	353.335	38.965	-5,51	-15,76	-10,85
Xanxerê	15.755	719.500	45.668	17.120	749.300	43.768	8,66	4,14	-4,16
Santa Catarina	217.258	7.841.394	36.093	207.673	8.115.064	39.076	-4,41	3,49	8,27

Fonte: Epagri/Cepa.

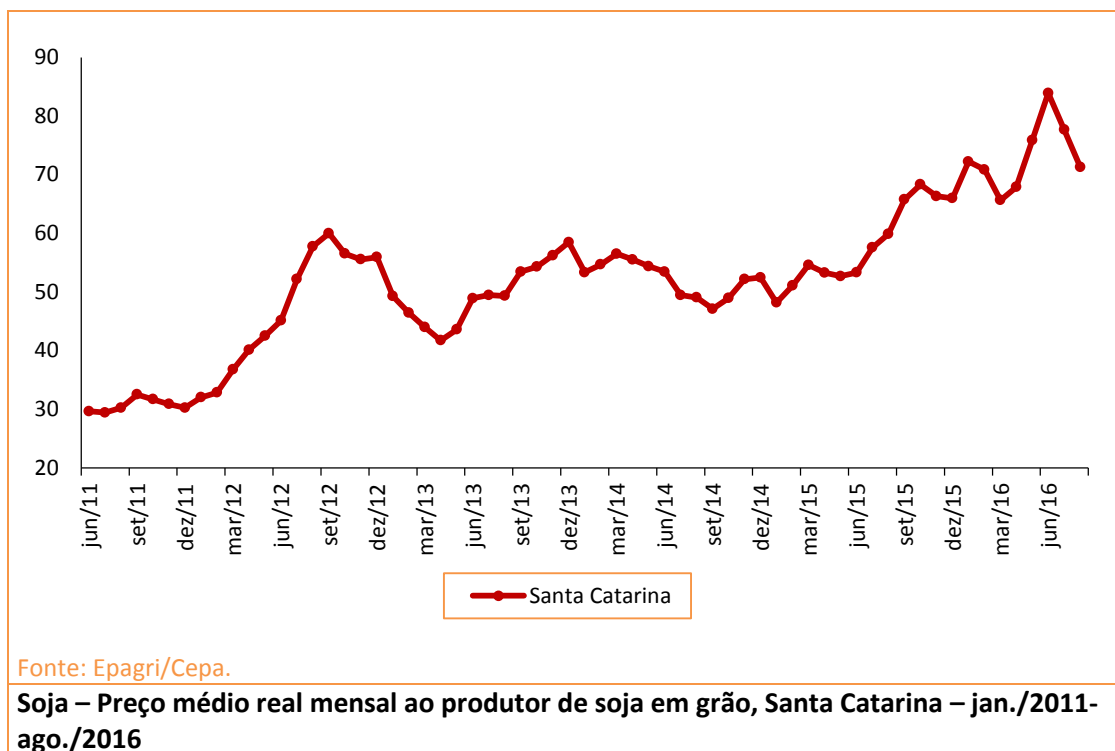
Em Santa Catarina a produção de milho sofreu com os problemas climáticos desencadeados pelo El Niño. Em 2015/16 a área foi 8,94% menor, e a produção, 15,83% menor em relação a 2014/15. Parte dessa redução se deve à tendência dos últimos anos de substituição das áreas de milho por soja. No entanto, o excesso de chuva seguido de seca em algumas regiões do Estado levou a perda de área e redução na produtividade esperada, culminando em quebra de safra. As microrregiões onde as quebras na produção foram mais expressivas foram Xanxerê, Canoinhas, Curitibanos, São Miguel do Oeste, Ituporanga e Rio do Sul, cujas reduções ultrapassaram 22% em relação a 2014/15. Por outro lado, as microrregiões do sul do Estado, Tubarão, Araranguá e Criciúma, apresentaram ganho de produção em relação ao último ano. Isso porque, em janeiro de 2016, o clima melhorou nessa região e permitiu que boa parte das lavouras se recuperasse, fechando a produtividade acima do que foi inicialmente projetado. Além da substituição das áreas de milho grão por soja, em algumas regiões, o milho silagem tem sido outro concorrente por área, principalmente do sul do Estado, no Planalto Norte e no Meio-Oeste. Observa-se que em 2015/16 a área destinada a milho silagem foi de 208 mil hectares, com produção de 8 milhões de toneladas. Essa área, embora tenha sido negativamente afetada na última safra, apresenta tendência de aumento, principalmente para atender a demanda crescente da produção de leite.

As exportações catarinenses de milho, de janeiro a agosto de 2016, atingiram a marca de 161,37 mil toneladas, equivalente a 90,2% do que foi exportado em todo o ano de 2015. Os bons preços do mercado externo atraíram o produtor e resultaram em volume expressivo das exportações no primeiro semestre de 2016. Em agosto contudo, o incremento de exportações foi pequeno (175 toneladas). O bom cenário apresentado para o mercado interno, de preços firmes também no segundo semestre e o desaquecimento dos preços internacionais do grão, agiram como freio às exportações, o que não será impeditivo para que elas ultrapassem a marca atingida no ano passado nos próximos meses. Ademais, a quebra de safra ocorrida em Santa Catarina e nos principais estados produtores pode causar dificuldade em atender a demanda da exportação, de forma que as *tradings* devem manter as exportações em que todo o acerto logístico já tenha sido contratado, principalmente no que se refere a transporte e armazenagem nos portos.



Soja

Glaucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



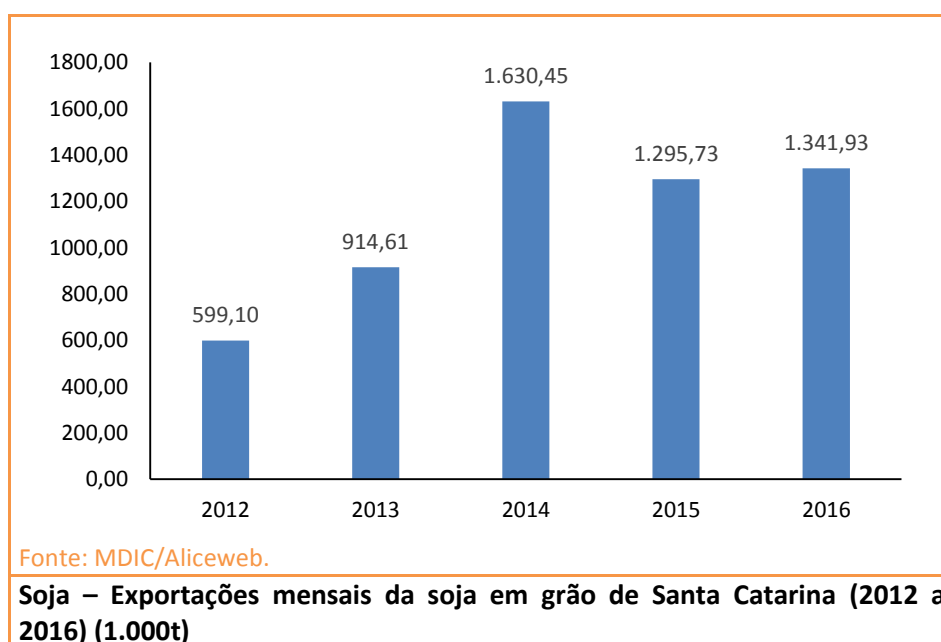
O preço médio mensal de soja apresentou comportamento crescente até dezembro de 2015, passando a decrescer entre fevereiro e abril e voltando a se recuperar no mês de maio de 2016, sofrendo nova queda nos dois últimos meses. A frustração de safra ocorrida na Argentina, a procura por farelo de soja para atender a indústria de proteína animal e o aumento das exportações do grão pelas principais regiões produtoras provocaram recuperação dos preços até junho deste ano. No entanto, a expectativa de uma safra expressiva para os Estados Unidos tem exercido pressão de baixa no mercado externo e influenciado diretamente os preços em Santa Catarina. Esta semana, o relatório do USDA ajustou a produção americana para 7% acima do anteriormente estimado, o que repercutiu nos preços do mercado externo e deve forçar os preços internos para baixo. Em Santa Catarina, os preços de agosto de 2016 foram cerca de 19% maiores em relação ao mesmo mês de 2015 e cerca de 8% menores em relação a julho de 2016. Comparativamente ao milho, nota-se valorização do preço do milho de forma mais intensa do que na soja, o que resultou em uma equivalência de troca favorável ao produtor de milho desde janeiro de 2016. Com isso, a tendência é que haja um crescimento menos expressivo da área plantada de soja na safra 2016/17, podendo ser observada também leve recuperação da área de milho, salientando que a safra 2015/16 foi prejudicada pelo fenômeno El Niño.

Soja – Acompanhamento da safra 2015/16 - Santa Catarina

Microrregião	Safr 2014/15			Safr 2015/16 – Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	53.900	176.500	3.275	58.280	193.320	3.317	8,13	9,53	1,30
Canoinhas	127.300	441.338	3.467	133.320	456.456	3.424	4,73	3,43	-1,24
Chapecó	84.610	240.875	2.847	91.575	262.779	2.870	8,23	9,09	0,80
Concórdia	3.315	10.014	3.021	4.235	13.290	3.138	27,75	32,71	3,88
Curitibanos	88.301	320.788	3.633	94.005	333.160	3.544	6,46	3,86	-2,45
Ituporanga	5.750	18.930	3.292	6.350	21.265	3.349	10,43	12,33	1,72
Joaçaba	53.671	190.996	3.559	57.905	207.558	3.584	7,89	8,67	0,73
Rio do Sul	1.871	5.759	3.078	3.375	10.941	3.242	80,38	89,98	5,32
São Bento do Sul	9.800	32.340	3.300	10.400	34.320	3.300	6,12	6,12	0,00
São Miguel do Oeste	37.220	111.682	3.001	36.270	108.882	3.002	-2,55	-2,51	0,05
Xanxerê	132.635	396.740	2.991	140.000	448.763	3.205	5,55	13,11	7,16
Santa Catarina	598.373	1.945.961	3.252	635.715	2.090.734	3.289	6,24	7,44	1,13

Fonte: Epagri/Cepa.

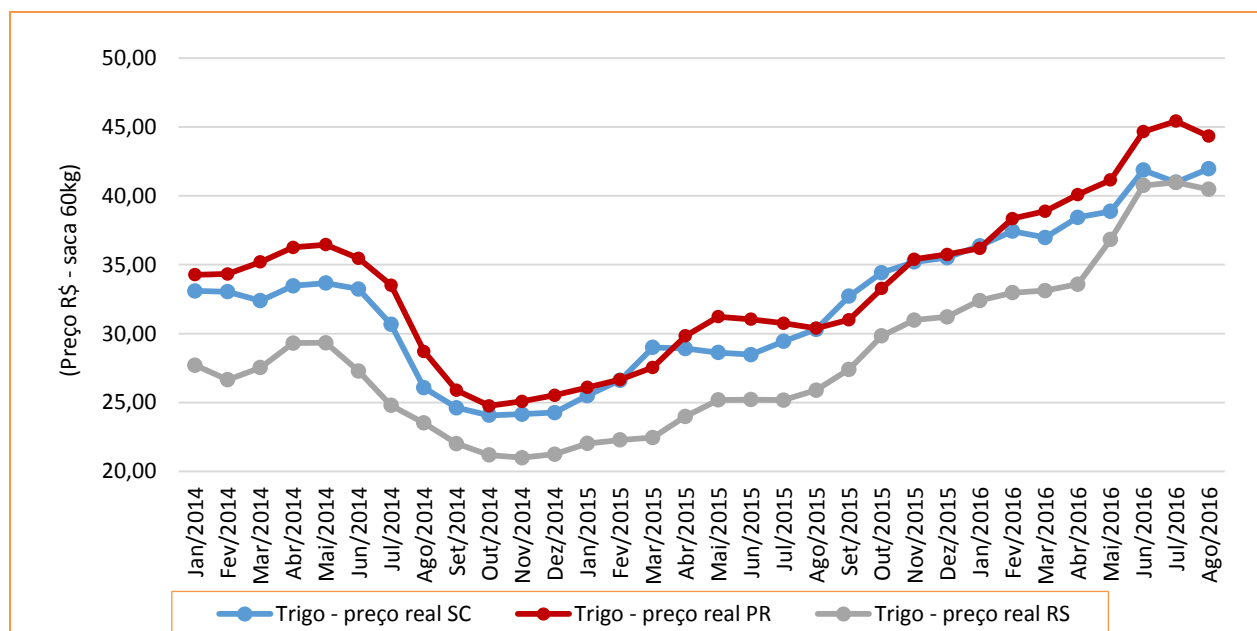
No que se refere ao comportamento da safra no Estado, observa-se que a área plantada aumentou em cerca de 6% em relação à safra anterior. Isso, combinado com um aumento da produtividade, resultou em uma produção 7,4% superior à safra 2014/15. As regiões em que esses aumentos foram mais expressivos foram Rio do Sul, São Miguel do Oeste, Curitibanos e Campos de Lages.



As exportações de soja em Santa Catarina, nos últimos meses, também foram mais expressivas em relação à média dos últimos quatro anos. No acumulado de janeiro a agosto, a atratividade do mercado externo fez com que as exportações catarinenses ultrapassassem o volume exportado em 2015. O maior volume das exportações ocorre entre abril e julho, o que indica que este ano as exportações totais ultrapassarão a média histórica dos últimos anos.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

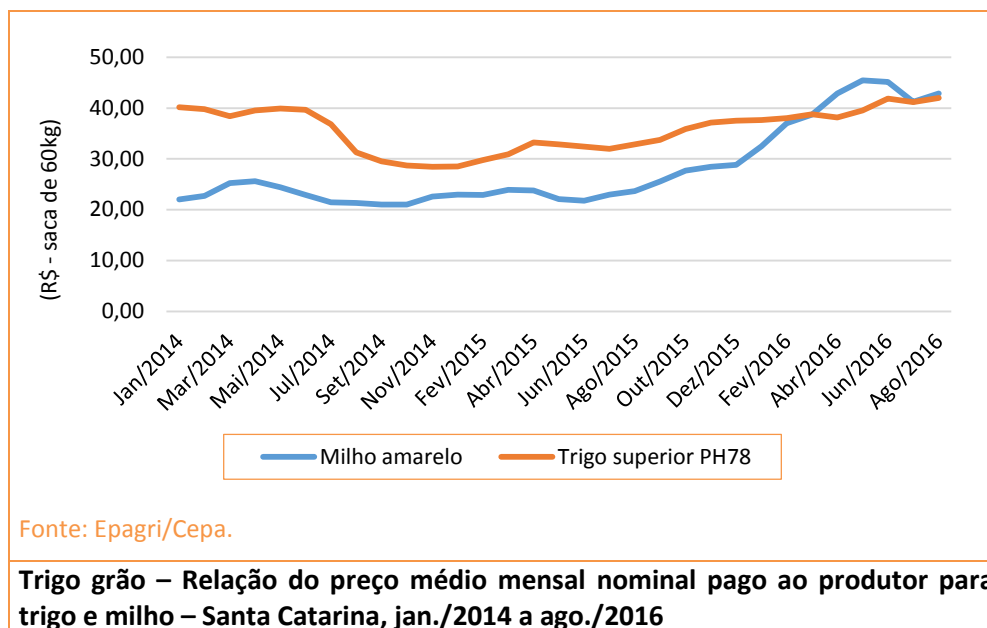


Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (agosto/2016 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

Trigo grão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor de trigo grão – Santa Catarina, jan./2014 a ago./2016

O preço do trigo se manteve relativamente estável em todo o País, com pequenas oscilações ao longo do período. Em Santa Catarina, o preço real pago ao produtor para a saca de 60kg do trigo grão obteve pequena alta de 2,44% entre os meses de julho e agosto. No Paraná houve variação negativa de 2,4%, e no Rio Grande do Sul a queda foi de 1,22% no mesmo período. O preço do trigo tem acompanhado a queda que vem ocorrendo nos preços da soja e do milho. Com os estoques mundiais do cereal em alta, aliado à boa colheita de EUA, Canadá, Austrália e Rússia, a tendência é de pouca variação nesse cenário para os próximos meses. O que há de alento aos produtores nacionais é que a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima que, provavelmente, não ocorrerão exportações de trigo nesta safra, muito em função de preços internacionais pouco atrativos e da necessidade do governo federal de recompor os estoques reguladores, que estão baixos. A longo prazo, com a quebra de safra na França e na Alemanha em função do excesso de chuvas, que prejudicou a qualidade da produção colhida, é possível que o comportamento dos preços no cenário internacional se altere.



Em agosto a relação do preço nominal entre o trigo e o milho permaneceu estável. O preço médio mensal do milho no estado foi de R\$42,84 a saca de 60kg, enquanto o trigo foi a R\$41,96 a saca de 60kg, diferença de 2,1% em favor do milho em Santa Catarina. No Paraná essa relação trigo/milho ficou 23,27% favorável ao trigo, que teve preço médio mensal de R\$44,33, enquanto o milho nesse estado ficou em R\$35,96. Já no Rio Grande do Sul, essa relação em favor do milho foi superior em 15,24%. Lá o preço médio do trigo continua em queda; no mês de agosto a saca de 60kg saiu por R\$40,47, enquanto a saca de 60kg de milho obteve preço médio mensal de R\$46,64.

Trigo grão – Comparativo de safra 2015/16 com 2016/17 - Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa Safra 2016/17 ⁽¹⁾			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	30,00	54,00	1.800,00	30,00	54,00	1.800,00	0	0	0
Campos de Lages	1.600,00	4.520,00	2.825,00	1.700,00	6.270,00	3.688,24	6	39	31
Canoinhas	17.380,00	26.874,00	1.546,26	14.000,00	42.684,00	3.048,86	-19	59	97
Chapecó	18.050,00	37.749,00	2.091,36	14.700,00	37.513,60	2.551,95	-19	-1	22
Concórdia	768,40	2.030,60	2.642,63	715,00	1.899,00	2.655,94	-7	-6	1
Curitibanos	10.783,00	22.473,30	2.084,14	10.648,00	40.942,80	3.845,12	-1	82	84
Ituporanga	550,00	672,00	1.221,82	275,00	738,50	2.685,45	-50	10	120
Joaçaba	6.415,00	12.921,00	2.014,19	4.740,00	17.424,00	3.675,95	-26	35	83
Rio do Sul	110,00	126,00	1.145,45	50,00	121,00	2.420,00	-55	-4	111
São Bento do Sul	220,00	396,00	1.800,00	250,00	750,00	3.000,00	14	89	67
São M. do Oeste	4.207,00	6.594,50	1.567,51	3.295,00	8.346,50	2.533,08	-22	27	62
Tijucas	40,00	6,00	150,00	48,00	96,00	2.000,00	20	1.500	1233
Xanxerê	15.645,00	41.666,00	2.663,22	12.905,00	40.531,00	3.140,72	-18	-3	18
Santa Catarina	75.798,40	156.082,40	2.059,18	63.356,00	197.370,40	3.115,26	-16	26	51

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa (agosto/2016), IBGE/LSPA - SC (junho/2016).

No mês de agosto tivemos uma atualização em nossas expectativas para a safra 2016/17 de trigo. Com 100% das áreas já semeadas, a expectativa é de que a área plantada chegue a 63.356 hectares, o que representa uma redução de área de aproximadamente 16% em relação à safra 2015/16. Mesmo com redução de área, é esperado um aumento significativo na produção de aproximadamente 26%, passando de 156 mil para 197,3 mil toneladas, bem como aumento no rendimento médio, que, segundo nossas estimativas, deverá ser de cerca de 51%, passando de 2.059 para 3.115kg/ha. Em comparação com a estimativa inicial, publicada no boletim anterior, na qual no mês de julho prevíamos um plantio de 60.745 hectares de trigo, o que mudou foi a excelente condição climática nesse período, muitos produtores reprogramaram suas áreas de plantio e resolveram apostar no cereal. Boa parte do receio dos produtores reside nas incertezas do clima, por isso muitos deixaram para plantar na última hora. Até o momento, as lavouras apresentam boas condições agrônômicas de desenvolvimento, com excelentes aspectos fitossanitários. Com o tempo firme, os agricultores seguem realizando os tratos culturais, como aplicações preventivas de fungicidas e adubações nitrogenadas em cobertura. Em Santa Catarina, cerca de 16% da área plantada encontra-se em fase de floração.

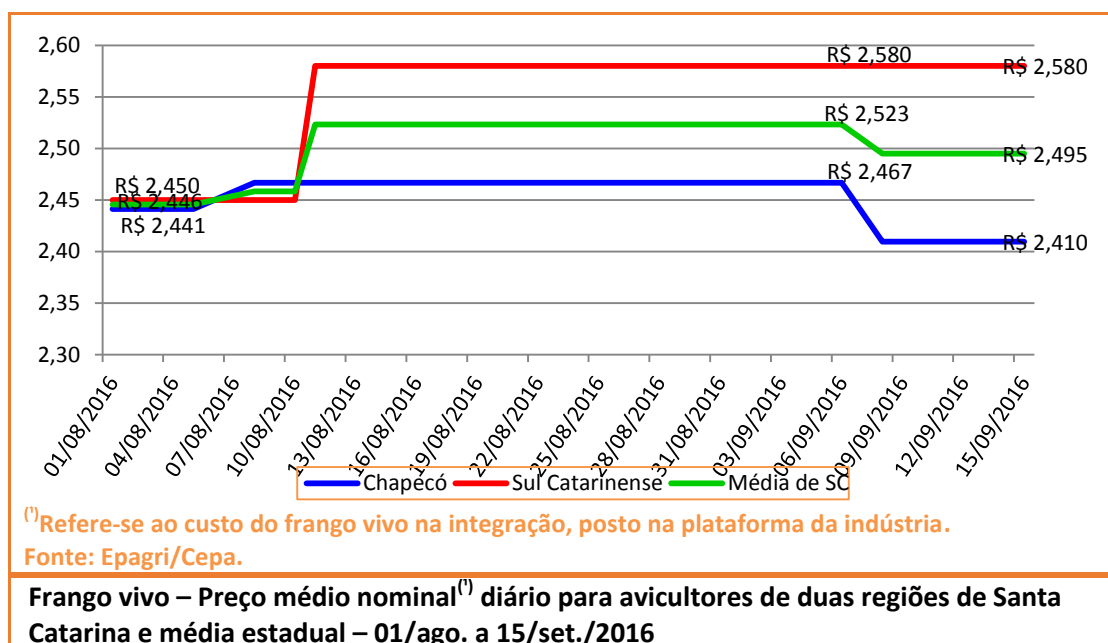
Segundo a Conab, as últimas estimativas apontam que a produção brasileira de trigo deverá ter um acréscimo de 11,4% em relação à safra passada, atingindo 6.164,1 mil toneladas. Muito disso é em função da recuperação da produtividade, que deve ser significativamente superior à safra 2015, passando de 2.260 para 2.939kg/ha, um aumento de 30%. No estado do Paraná, a Conab prevê que haverá redução de área plantada em torno de 19%, e na produtividade, redução de 21,9% em relação à safra 2015. Já no Rio Grande do Sul, a área efetivamente semeada deverá ser 14,4% inferior à da safra 2015, com aumento de produtividade estimado de 58,8%. Em Mato Grosso do Sul a cultura encontra-se em boas condições de desenvolvimento, com 100% no estágio de maturação. A expectativa é de aumento na produtividade de 17,8% e aumento de produção de 38% em relação à safra 2015. Para Minas Gerais, a Conab estima uma redução na área plantada da ordem de 8,8%, redução essa atribuída às condições climáticas desfavoráveis e ao crescimento significativo da área plantada com milho segunda safra, tendo como consequência queda na produtividade de 9,5% em relação à safra passada. Em São Paulo, estima-se uma redução em produtividade de 2,4%, com diminuição da produção na ordem de 2,1% e modesto aumento de 0,3% na área plantada nesta safra 2016/17.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.luis.giehl@epagri.sc.gov.br

No mês de agosto observou-se elevação nos preços pagos ao produtor pelo frango vivo nas duas regiões de referência. Em Chapecó a variação foi de 1,04%, sendo mais significativa no Sul Catarinense, onde atingiu 5,31%. Com isso, o preço médio estadual subiu 3,18%. Contudo, depois de algumas semanas, o preço pago na praça de Chapecó caiu 2,31%, atingindo um patamar próximo ao que se encontrava em fevereiro do corrente ano.

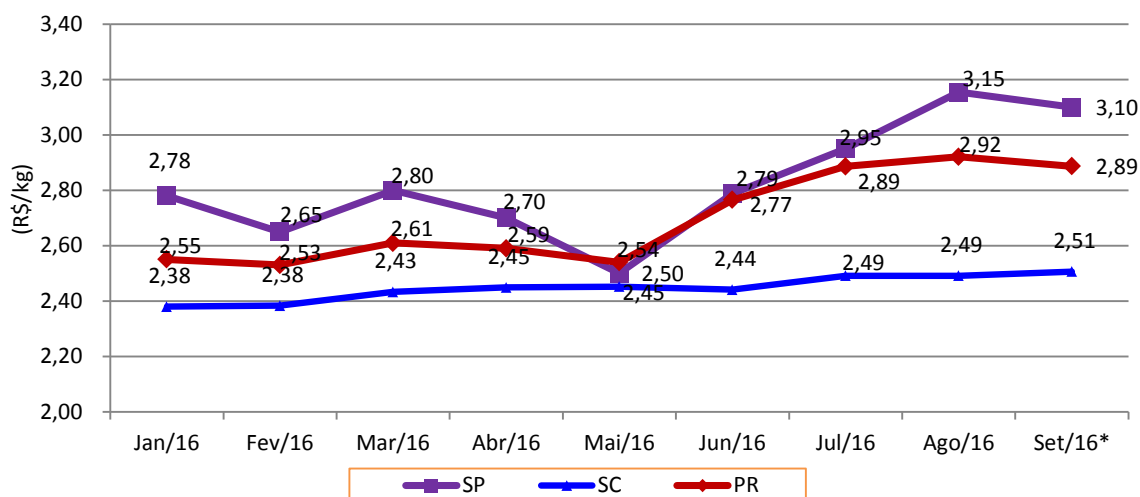


Apesar da queda no preço ao produtor em Chapecó, a média estadual de setembro (preliminar) apresenta um acréscimo de 0,59% em relação a agosto, em função do aumento registrado no Sul Catarinense. Esse cenário difere do que se observa em São Paulo e no Paraná, onde houveram quedas nos preços médios.

São Paulo, que desde maio vinha registrando sucessivos aumentos de preços, apresenta uma retração de 1,72% em setembro. Em relação ao preço de janeiro, o valor atual é 11,51% superior. Na comparação com setembro de 2015, a diferença é de 8,39%.

Já o Paraná registrou queda de 1,17% no preço médio de setembro em relação ao valor de agosto. A exemplo de São Paulo, o Paraná não registrava queda nos preços médios desde maio passado. Em relação a janeiro, o valor atual é 13,20% superior. Na comparação com agosto do ano passado, a variação é de 18,30%.

Destaca-se que em relação a janeiro deste ano e a setembro de 2015, os preços médios atualmente pagos em Santa Catarina apresentam variações de 5,30% e 23,23%, respectivamente.



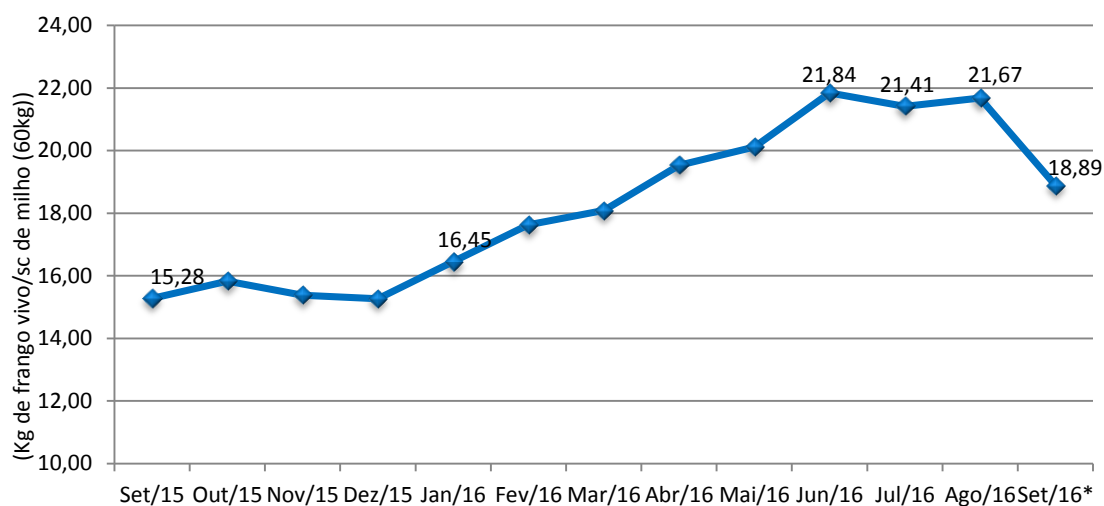
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

*Os dados para o mês de agosto são parciais, referentes ao período de 1 a 15/set./16.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – Jan. a Set./16

Levando em consideração os preços médios do frango vivo (média estadual) e do milho no atacado (praça de Chapecó) registrados durante a primeira quinzena de setembro, constata-se que a relação de troca apresentou queda significativa, atingindo 18,89kg de frango vivo/saco de milho (60kg), o que representa uma redução de 12,82% em relação a agosto. Ressalta-se que os preços de ambos os produtos são preliminares, podendo ocorrer alterações no decorrer da segunda quinzena. Contudo, na comparação com setembro de 2015, o índice atual ainda é 23,58% superior.



*Os dados do mês de agosto são parciais, relativos ao período de 1 a 15/set./16.

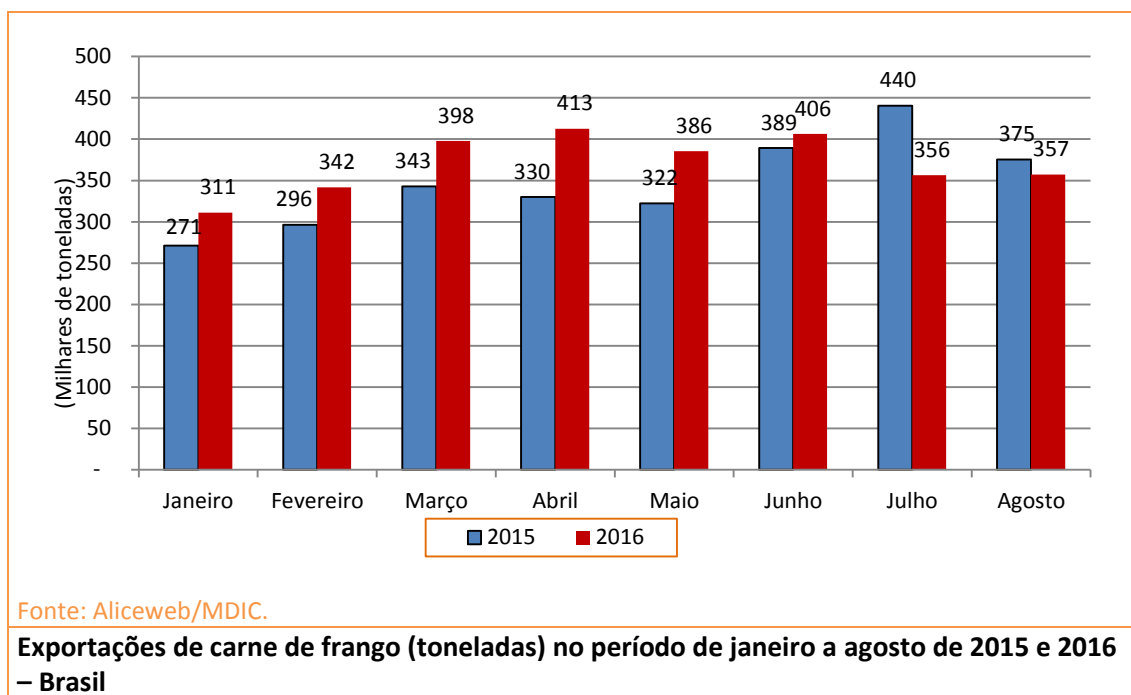
Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015/16

O principal fator responsável por essa variação negativa foi o preço do milho. No entanto, diferentemente do que vinha sendo observado na maioria dos meses anteriores, dessa vez registrou-se queda no valor, o que resultou na diminuição da relação de troca. O incremento no preço médio do frango também contribuiu para esse cenário, embora de forma menos expressiva.

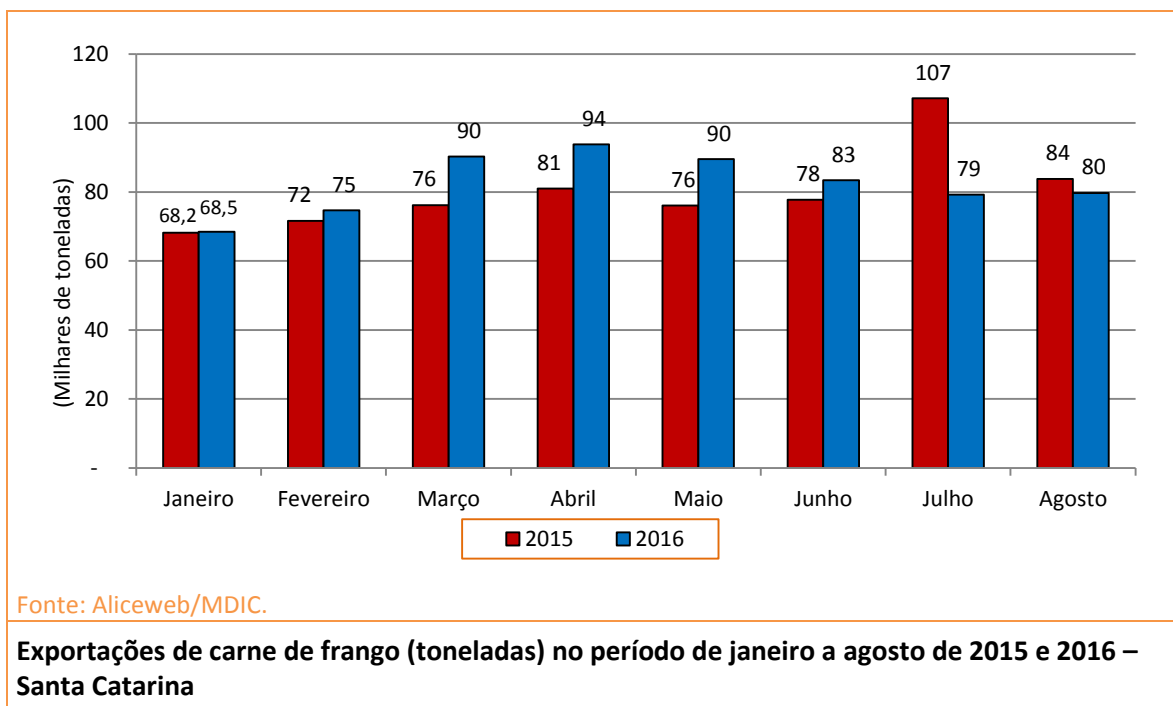
Por ocasião do fechamento desta edição do Boletim Agropecuário, a saca de milho estava sendo vendida a R\$39,00 na praça de Chapecó (preço de atacado). Até esse momento, a baixa em relação a agosto era de 12,35%. Dentre os fatores responsáveis pela variação negativa do preço do milho destacam-se a expectativa de uma grande safra nos Estados Unidos e a redução da demanda por parte dos compradores, o que tem reduzido o fluxo do negócios.

No que tange às exportações de carne de frango, em agosto observou-se um leve crescimento de 0,29% em relação ao mês anterior. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em agosto foram exportadas 357,3 mil toneladas. No entanto, essa quantidade é 4,79% menor que aquela exportada no mesmo mês de 2015. O acumulado dos dois primeiros quadrimestres de 2016 é 7,26% maior que o mesmo período do ano anterior. Já as receitas decorrentes da exportação de carne de frango foram 5,05% menores este ano que nos oito meses iniciais de 2015.



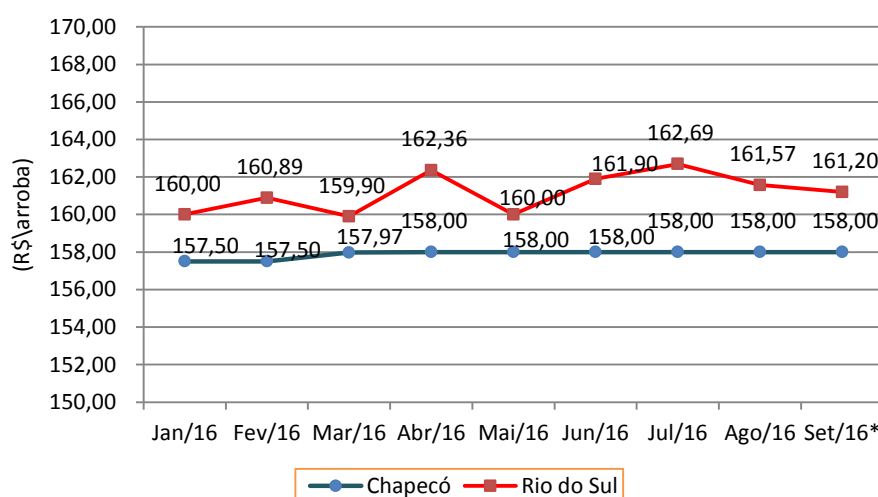
No caso de Santa Catarina registrou um aumento de 0,61% na quantidade de carne de frango exportada no mês de agosto em relação a julho. No mês passado foram exportadas 79,7 mil toneladas de carne de frango, no valor de US\$148 milhões. Os valores exportados são 1,29% menores que no mês anterior, não obstante o aumento da quantidade.

Na comparação com agosto de 2015, registra-se uma queda de 4,85% na quantidade exportada por Santa Catarina. No acumulado dos dois primeiros quadrimestres, Santa Catarina exportou 659,2 mil toneladas de carne de frango, o que representa um acréscimo de 2,72% em relação ao mesmo período do ano passado.



Bovinocultura de corte

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br



(1) Para pagamento em 20 dias.

(*) Os dados do mês de setembro são parciais, relativos ao período de 1 a 15/set./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016

Nos últimos 30 dias observou-se poucas variações no mercado catarinense de boi gordo. Esse cenário vem se repetindo desde o início deste ano, principalmente a partir de maio.

O preço médio preliminar de setembro (referente ao período de 1^a a 15/set./2016) na região de Chapecó manteve-se em R\$158,00/arroba, valor que se mantém desde abril. A variação entre janeiro a setembro é de apenas 0,32%.

Em Rio do Sul, onde o

preço havia sofrido uma retração em agosto, os valores preliminares de setembro apontam nova queda. Destaca-se que a partir de meados de agosto os preços haviam reagido, voltando a patamares próximos de julho. Contudo, no final da primeira quinzena de setembro novamente ocorreu queda, fazendo a média recuar.

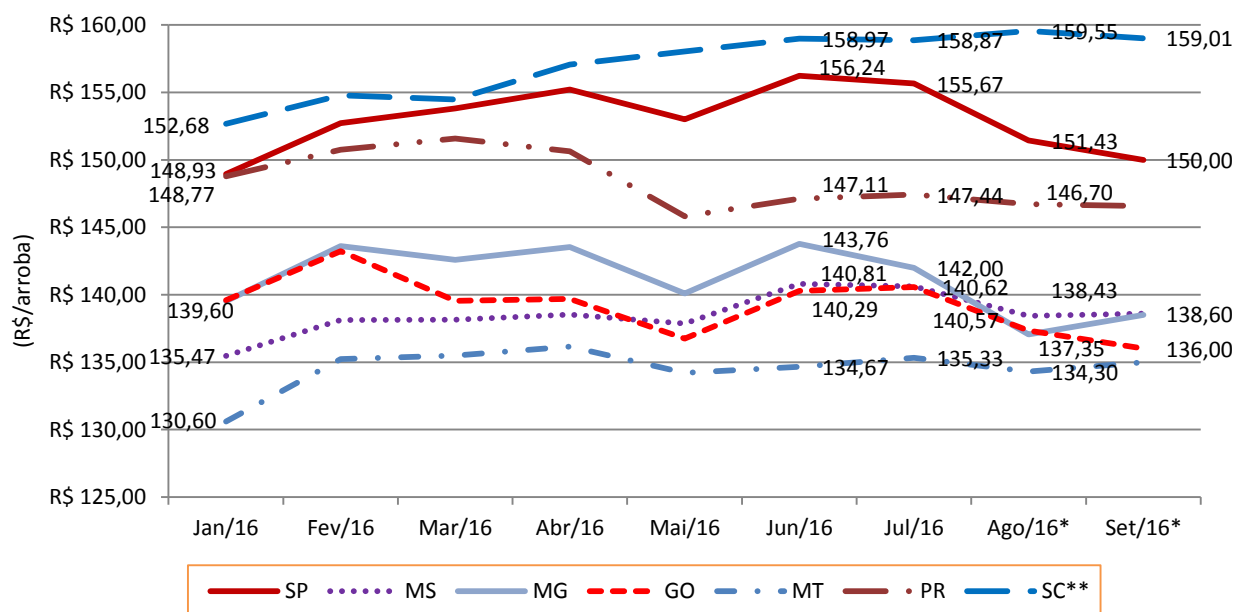
Na comparação entre os preços médios preliminares de setembro com aqueles praticados no mesmo período de 2015, observam-se variações de 3,87% em Rio do Sul e de apenas 1,28% em Chapecó.

No cenário nacional, a situação é de relativa estabilidade, mas com continuidade do movimento de queda nos preços, embora num ritmo menor que no mês anterior. Agosto encerrou-se com uma variação de -1,54% na média dos sete estados analisados, na comparação com os preços de julho. Desses, apenas Santa Catarina registrou variação positiva, ainda assim de somente 0,43%. A maior variação foi registrada em Minas Gerais (-3,49%), seguido por São Paulo (-2,72%) e Goiás (-2,29%).

Até meados de setembro havia sido observada uma variação média de -0,11%, com destaque para Goiás (-0,98%) e São Paulo (-0,95%). Somente Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul registram índices positivos até o momento, com 1,06%, 0,52% e 0,12%, respectivamente. O preço médio de Santa Catarina apresenta queda de 0,34%.

Os valores de setembro encontram-se 0,81% acima daqueles praticados em janeiro deste ano, na média dos sete estados. Santa Catarina segue registrando a maior variação positiva no período (4,15%), seguido por Mato Grosso (3,37%), Mato Grosso do Sul (2,31%) e São Paulo (0,72%). Três estados apresentam variações negativas na comparação entre janeiro e setembro: Goiás (-2,58%), Paraná (-1,48%) e Minas Gerais (-0,74%).

O lento fluxo dos negócios é responsável pela relativa estabilidade no setor. De um lado, os produtores têm regulado a oferta de animais, na expectativa de conter quedas mais significativas nos preços. De outro, os frigoríficos também têm diminuído suas compras e diminuído o ritmo dos abates, de forma a evitar a formação de estoques muito grandes.



* Os dados do mês de setembro são parciais, relativos ao período de 1 a 15/set./2016.

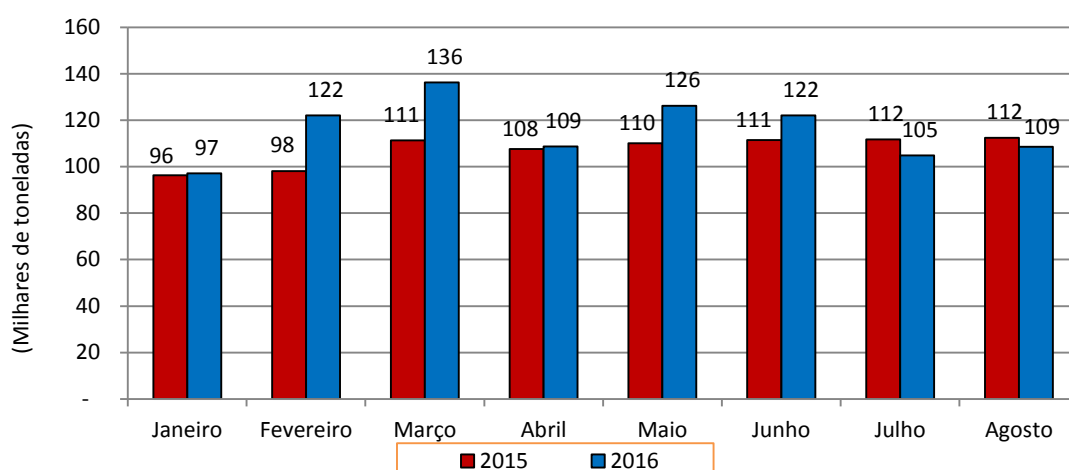
Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; DERAL/SEAB⁽³⁾ (2016).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾ e PR⁽³⁾ – 2016

Mais uma vez, o principal fator responsável por esse cenário é o consumo doméstico, que segue enfraquecido em função da situação econômica do país. As vendas de carne bovina continuam instáveis no mercado atacado e varejo. Além disso, o mês de agosto registrou nova queda no volume exportado, o que aumenta a disponibilidade de carne no mercado interno.

Conforme apontam os dados da Epagri/Cepa, o preço dos cortes dianteiros no mercado atacadista da região de Chapecó apresenta alta de 1,13% na primeira quinzena de agosto (preço preliminar) em relação ao mês anterior. Já os cortes traseiros registraram nova queda de 0,59% (no mês anterior a queda foi de 1,1%). Cenário semelhante tem sido observado no restante do país, com quedas de preços no varejo e no atacado.

Em relação às exportações de carne bovina, o mês de agosto registrou aumento em relação ao mês anterior. A variação foi de 3,55% em termos de volume e de 9,97% em valor, de acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Contudo, na comparação com agosto de 2015 observam-se quedas de 3,41% no volume e 9,71% no valor.



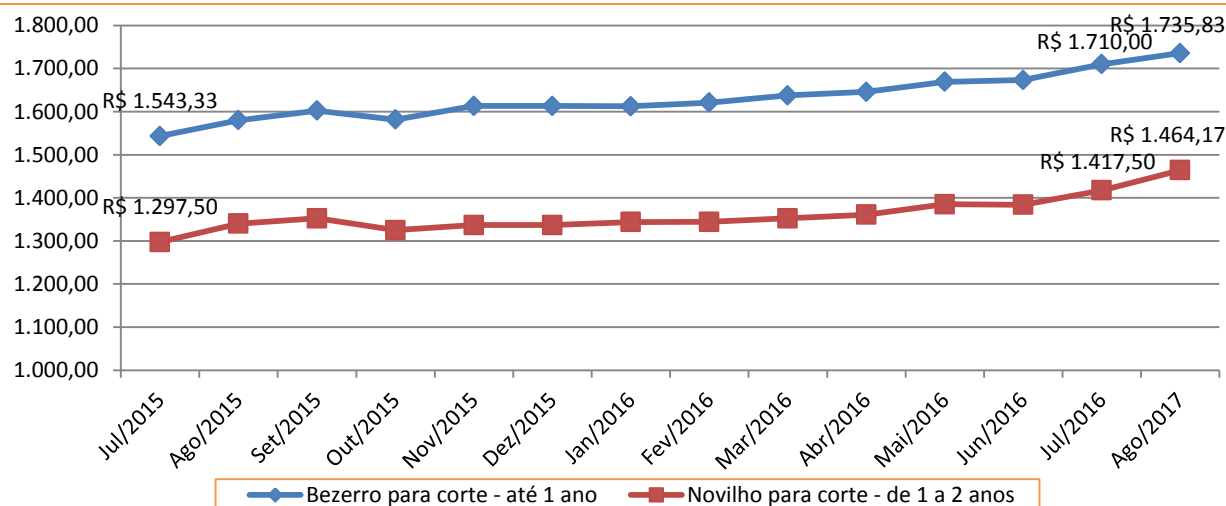
Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne bovina (t) - jan. a ago./2015 e 2016 – Brasil

O volume exportado ao longo dos dois primeiros quadrimestres de 2016 atingiu 926,1 mil toneladas, 7,8% superior ao mesmo período de 2015. Em termos financeiros, até o momento atingiu-se o US\$3,58 bilhões, uma redução de 3,08% em relação ao mesmo período do ano passado.

A valorização do real frente ao dólar, observada nos últimos meses, tem levado à redução da competitividade da carne brasileira no mercado internacional, bem como ocasionado a queda das margens de lucro dos exportadores.

Em relação aos preços do bezerro e do novilho de corte, o gráfico a seguir apresenta os dados referentes ao preço médio estadual dessas duas categorias de animais no período de julho/2015 a agosto/2016.



Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual

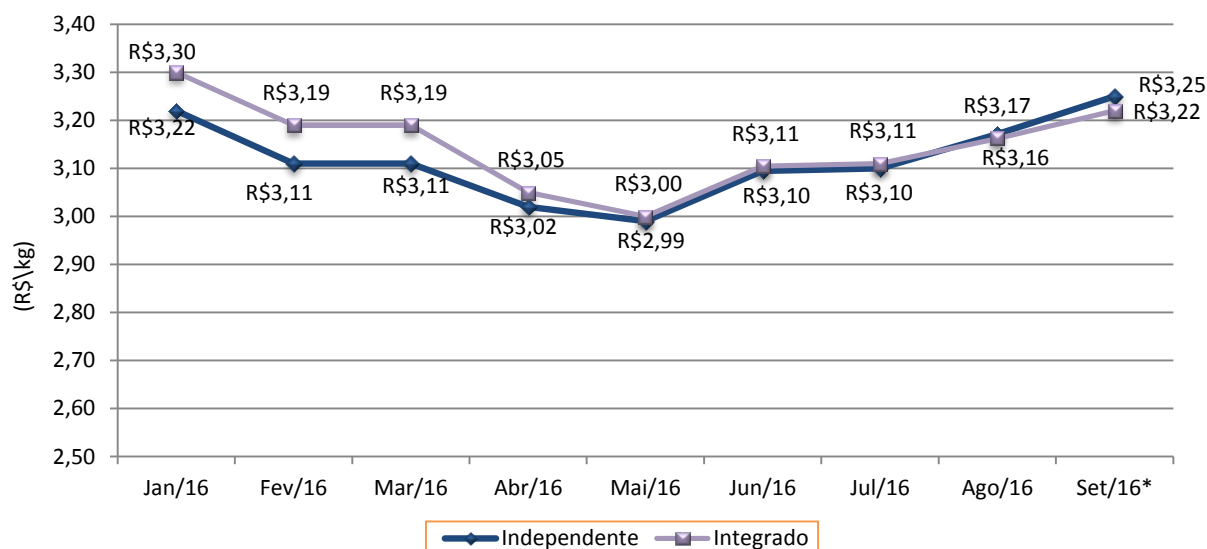
Segue a tendência de alta nos preços das duas categorias analisadas. Na comparação entre agosto deste ano e o mesmo mês de 2015, verifica-se um aumento de 9,27% no preço do bezerro e de 9,86% do novilho.

Em relação a julho, os preços médios praticados em agosto apresentaram elevação de 3,29% e 1,51% para o bezerro e o novilho respectivamente, valores que estão significativamente acima da variação da arroba de boi gordo.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Os preços do suíno vivo, que se mantinham estáveis desde junho, começaram a apresentar altas a partir da segunda quinzena de agosto, movimento que se manteve durante a primeira quinzena de setembro. Na comparação com o mês anterior, os preços preliminares de setembro na praça de Chapecó sofreram variações de 2,48% e 1,82% para o produtor independente e para o integrado, respectivamente. Contudo, na comparação com o mesmo mês de 2015, os preços médios atuais ainda apresentam defasagem de 2,99% para o produtor independente e 2,13% para o integrado.



* Os dados do mês de setembro são parciais, relativos ao período de 1 a 15/set./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal (R\$/kg) para produtor independente e integrado, na praça de Chapecó/SC – 2016

O quadro abaixo apresenta os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores, de janeiro a setembro deste ano. Com exceção de Santa Catarina, todos os demais estados apresentaram variações negativas entre agosto e setembro.

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores – 2016

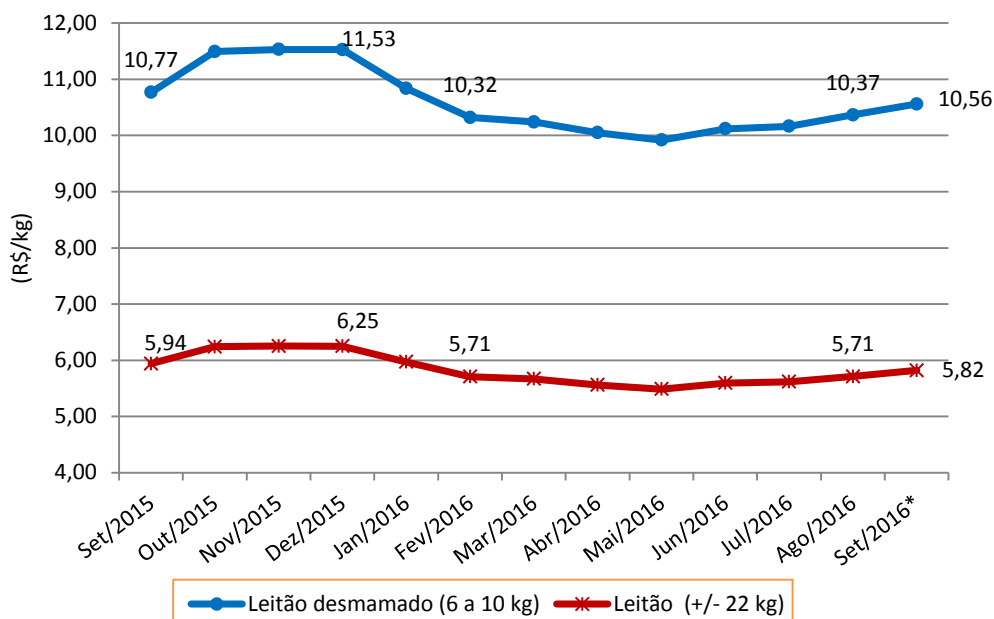
Estado	(R\$/kg)									Variação ago./set.(%)	Variação jan./set.(%)
	Jan./ 2016	Fev./ 2016	Mar./ 2016	Abr./ 2016	Mai./ 2016	Jun./ 2016	Jul./ 2016	Ago./ 2016	Set./ 2016 ⁽¹⁾		
Minas Gerais	4,17	3,55	3,47	3,36	3,37	4,39	3,97	4,43	4,16	-6,24%	-0,36%
Paraná	3,33	2,94	2,94	2,75	2,82	3,58	3,22	3,68	3,57	-2,98%	7,33%
Rio Grande do	3,27	2,92	2,96	2,81	2,83	3,26	3,05	3,40	3,39	-0,17%	3,76%
Santa Catarina ⁽²⁾	3,26	3,15	3,15	3,04	3,00	3,10	3,11	3,17	3,24	2,15%	-0,77%
São Paulo	3,86	3,18	3,37	3,10	3,25	4,03	3,49	4,26	3,96	-6,91%	2,96%

⁽¹⁾ Os dados do mês de setembro são parciais, relativos ao período de 1 a 15/set./2016.

⁽²⁾ No caso de SC, utilizou-se como referência a praça de Chapecó. Os valores representam a média entre produtores integrados e independentes.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP); Epagri/Cepa (SC).

A variação média nos cinco estados é de -2,83% na comparação entre agosto e setembro. O único estado em que se observa variação positiva foi Santa Catarina. Contudo, quando se compara os preços atuais com aqueles praticados em janeiro deste ano, o preço catarinense registra defasagem de 0,77%.



*Os dados do mês de setembro são parciais, relativos ao período de 1 a 15/set./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

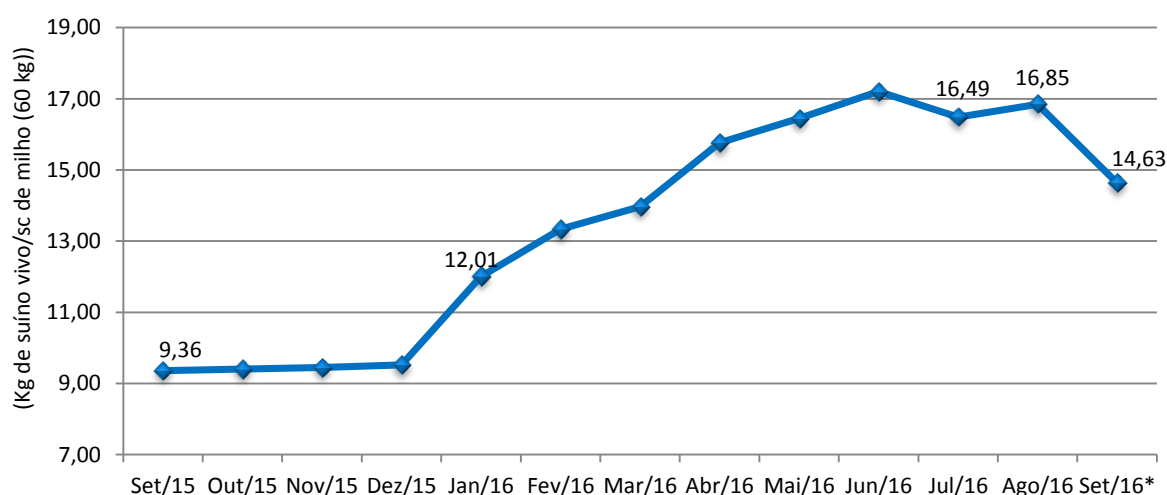
Leiteiro – Preço médio mensal do leiteiro por categoria em Santa Catarina – 2015/16

Como vem ocorrendo desde maio, os preços dos leiteiros apresentaram novos aumentos este mês. Em relação a agosto, as médias preliminares de setembro são 1,88% e 1,91% maiores para os leiteiros de 6-10kg e de +/-22kg, respectivamente.

No entanto, quando comparados a janeiro, os valores atuais ainda apresentam defasagens de 2,58% para os leiteiros de 6-10kg e

2,51% para os leiteiros de +/-22kg. Na comparação com os preços de setembro de 2015, a defasagem cai para 1,93% e 2,03%, respectivamente.

Pela segunda vez no ano, a relação de troca insumo/produto apresentou queda no índice, desta vez mais significativa do que aquela observada em julho.



*Os dados do mês de setembro são parciais, relativos ao período de 1 a 15/set./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó/SC – 2015/16

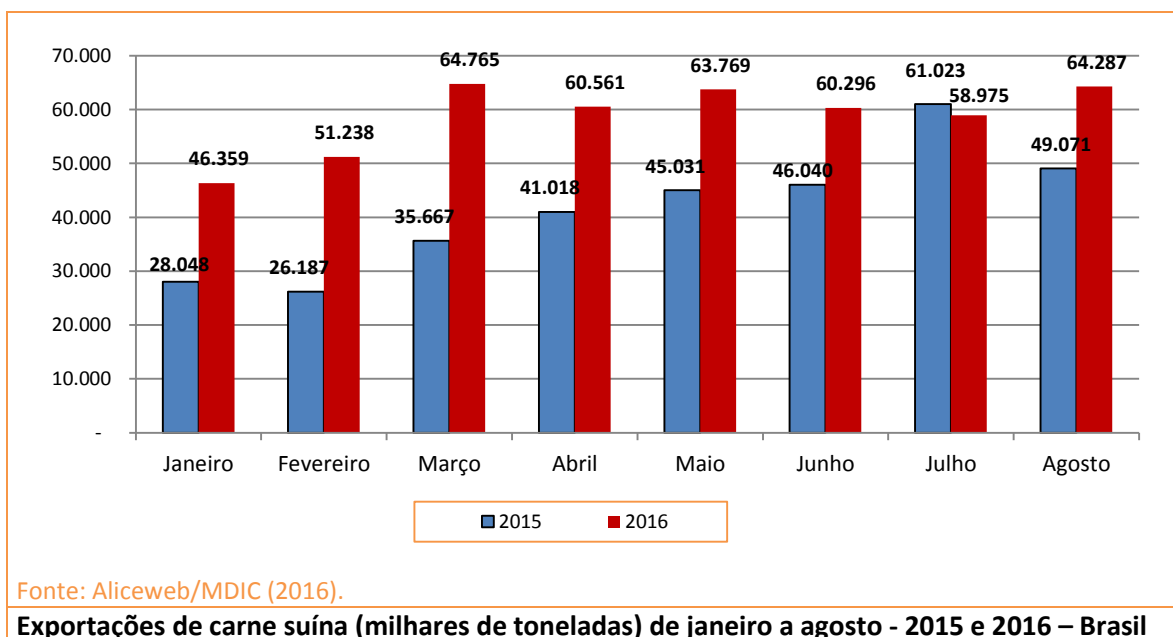
A relação de troca atingiu 14,63kg de suíno vivo/saco de milho (60kg), uma variação de -13,75% na comparação com o mês anterior (os preços de agosto são preliminares, podendo sofrer alterações ao longo da segunda quinzena). Em relação a janeiro deste ano, o valor atual ainda é 21,84% superior. Já quando comparado com o mesmo mês de 2015 a diferença sobe para 56,3%.

Como tem ocorrido ao longo deste ano, o principal fator responsável por essa variação do índice foi o preço do milho. No entanto, dessa vez registrou-se queda no valor da saca, o que resultou na diminuição da relação de troca. O incremento no preço médio do suíno vivo (tanto para os produtores independentes quanto os integrados) também contribuiu nessa diminuição.

Por ocasião do fechamento desta edição do Boletim Agropecuário, a saca de milho estava sendo vendida a R\$39,00 na praça de Chapecó (preço de atacado). Até esse momento, a redução em relação a agosto era de 12,35%. Dentre os fatores responsáveis pela variação negativa do preço do milho destacam-se a expectativa de uma grande safra nos Estados Unidos e a redução da demanda por parte dos compradores, o que tem reduzido o fluxo do negócios.

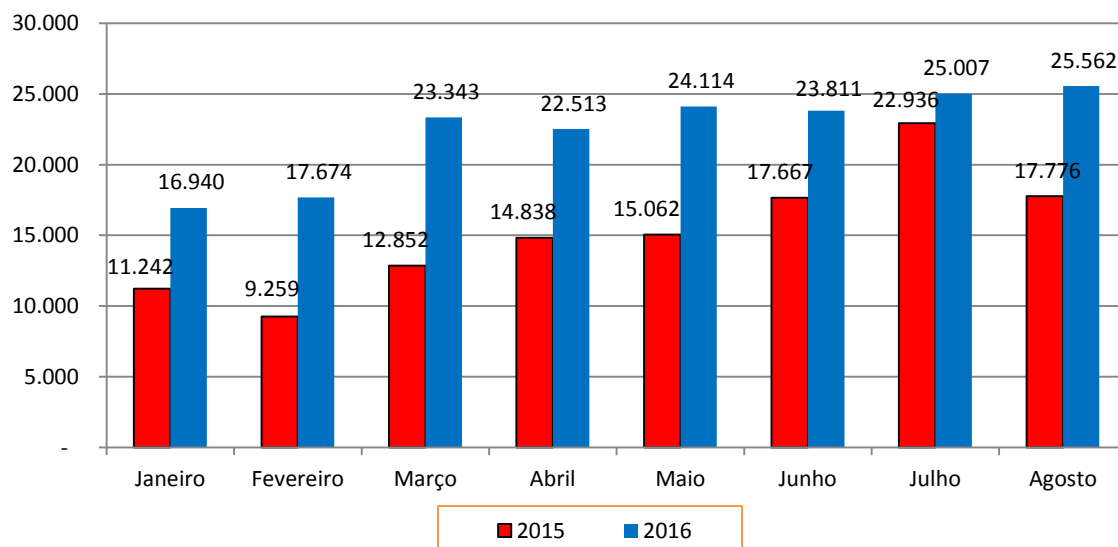
Em relação às exportações, agosto registrou um aumento de 9,01% na quantidade exportada em relação a julho. É importante destacar que nos dois meses anteriores haviam sido observadas quedas nas quantidades embarcadas. Na comparação com o mesmo mês de 2015, em agosto houve um acréscimo de 31,01% nos embarques.

De janeiro a agosto deste ano o país exportou 470,3 mil toneladas de carne suína, o que representa um aumento de 41,61% em relação ao mesmo período de 2015. Em termos de valores, o total exportado em 2016 já soma US\$884,5 milhões, um aumento de 8,4% em relação ao oito meses iniciais do ano anterior.



Santa Catarina, por sua vez, manteve o movimento de alta observado ao longo deste ano, exportando 2,22% mais carne suína em agosto do que no mês anterior. Em relação a agosto de 2015, a diferença é de 43,81%.

No somatório de janeiro a agosto, atinge-se o montante de 179 mil toneladas, um incremento de 47,14% em relação ao mesmo período de 2015. Em termos de valores, nos dois primeiros quadrimestres exportou-se o equivalente a US\$337,2 milhões em carne suína, o que representa um aumento de 14,25%.



Fonte: Aliceweb/MDIC (2016).

Exportações de carne suína (milhares de toneladas) de janeiro a agosto - 2015 e 2016 – Santa Catarina

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

A última reunião do Conseleite/SC, realizada no dia 18 de agosto, foi marcada por certezas e dúvidas em relação ao mercado de leite e derivados. Na oportunidade, já estava evidente que os preços dos derivados lácteos estavam em queda e de que isso repercutiria nos preços aos produtores. Também estava claro que o preço de referência final do mês de agosto, a ser fixado na reunião do mês de setembro, deverá ficar sensivelmente abaixo de R\$1,4303/litro, valor que foi projetado na reunião do mês de agosto¹.

Entre as dúvidas estava saber com que rapidez e, principalmente, em que patamar os preços dos lácteos se acomodariam no varejo e no atacado. Em parte, essas dúvidas decorriam das limitadas informações setoriais disponíveis, particularmente como seria o comportamento entre a oferta e a demanda nos meses finais do ano. Não foi necessário muito tempo para que o cenário ficasse claro. Se não acerca dos patamares em que os preços se acomodarão, pelo menos sobre a velocidade de sua queda. Isso se deu de maneira bastante rápida e significativa, pois desde meados de agosto tem havido queda quase generalizada nos preços dos lácteos.

Um caso muito especial é o preço do leite UHT, que, como se sabe, influencia nos preços de outros produtos da cadeia produtiva e de maneira especial nos preços recebidos pelos produtores de leite. Segundo os levantamentos da Epagri/Cepa, o preço do leite UHT no mercado atacadista de Santa Catarina decresceu de um valor médio próximo a R\$3,60/litro em julho para valores próximos a R\$2,00/litro neste momento; e a maior parte dessa significativa redução deu-se após os levantamentos realizados para reunião do Conseleite, que tiveram por base os últimos dias de julho e a primeira e segunda semanas de agosto. Isso se refletiu claramente em benefício aos consumidores. Embora a Epagri/Cepa não faça pesquisa no mercado varejista, em sondagens nas redes de supermercado da capital catarinense foi possível diagnosticar que do final de julho/início de agosto para cá várias marcas reduziram seus valores de R\$4,00/litro ou mais para valores próximos a R\$2,50/litro, com variações para mais e menos.

A considerar o que se verifica com a oferta, não é improvável que esses valores decresçam ainda mais. Em Santa Catarina, por exemplo, os levantamentos da Epagri/Cepa mostram que em apenas dois meses (junho para agosto) a quantidade de leite recebida por indústrias de importante representatividade na produção estadual aumentou cerca de 34%. As indicações são de novo aumento neste mês de setembro. O Cepea ainda não tem números relativos ao mês de agosto, mas de maio a julho o Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea²) do Brasil saltou de 156,01 para 166,19, o que significa crescimento de 6,5% no total de leite adquirido pelas indústrias pesquisadas. É muito provável que entre julho e agosto o crescimento do índice supere o acumulado nesses dois meses.

Com o sensível crescimento da oferta interna e o pouco interesse ou possibilidade de estocar produtos, a maioria das indústrias tem poucas alternativas que não seja reduzir ainda mais os preços para ampliar suas vendas. O varejo, por sua vez, está em posição bem confortável e com bem mais facilidade que há pouco tempo para negociar mais redução nos preços do atacado.

Além da ampliação da oferta interna, neste ano de 2016 também as importações passaram a ter maior influência no comportamento do mercado. Em relação aos anos mais recentes, a quantidade de lácteos

¹ No Boletim Agropecuário Nº 39 há uma tabela com todos os valores a partir de 2014.

² O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. É elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE, segundo o volume produzido em cada unidade da federação.

importada pelo Brasil foi recorde no período de janeiro a agosto deste ano, com crescimento de cerca de 81% sobre o mesmo período de 2015.

Balança comercial de lácteos – 2011/16

Ano	Milhões de kg		
	Importação	Exportação	Saldo
2011	165,4	37,6	-127,8
2012	179,4	38,4	-141,0
2013	157,3	38,4	-119,0
2014	106,8	83,7	-23,1
2015	134,3	73,6	-60,7
Janeiro a agosto			
2011	97,3	23,5	-73,8
2012	111,3	24,3	-87,0
2013	103,2	25,2	-78,0
2014	68,1	56,5	-11,6
2015	85,4	43,2	-42,2
2016	154,5	29,7	-124,8

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

A transformação da quantidade importada para o equivalente a litros de leite permite compreender mais claramente sua influência no mercado interno. A quantidade equivalente a 1,138 bilhão de litros importada de janeiro a agosto deste ano representou quase 7,5% de todo o leite que se estima tenha sido adquirido pelas indústrias brasileiras inspecionadas. Isso significa nada menos que cerca de 4,67 milhões de litros de leite/dia contra 62,74 milhões de litros de leite/dia adquiridos pelas indústrias brasileiras inspecionadas.

Leite – Relação entre as importações e a quantidade adquirida inspecionadas – BR – Jan/agosto⁽¹⁾

Ano	Leite adquirido inspecionado (litros)	Importado	
		litros	% sobre o adquirido inspecionado
2011	14.094.208.000	656.800.235	4,7
2012	14.759.036.000	692.210.863	4,7
2013	15.000.764.000	641.088.169	4,3
2014	16.128.508.000	383.865.381	2,4
2015	15.783.120.000	612.677.709	3,9
2016	15.309.626.400 ⁽²⁾	1.138.324.606	7,4

⁽¹⁾ Elaboração da Epaagri/Cepa.

⁽²⁾ Estimativa da Epaagri/Cepa.

Fonte: MDIC e IBGE.